



FUNDAÇÃO COMUNITÁRIA TRICORDIANA DE EDUCAÇÃO
Decretos Estaduais n.º 9.843/66 e n.º 16.719/74 e Parecer CEE/MG n.º 99/93
UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE DE TRÊS CORAÇÕES
Decreto Estadual n.º 40.229, de 29/12/1998
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO
Secretaria de Pós-Graduação
secretpos@unincor.br - (35) 3239-1280

**AS CARTAS DE ANA CRISTINA CÉSAR: uma contribuição
para a Biblioterapia**

TRÊS CORAÇÕES – MG

2006

APARECIDA LUCIENE RESENDE ROSA

**AS CARTAS DE ANA CRISTINA CÉSAR: uma contribuição
para a Biblioterapia**

Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio Verde – UNINCOR, como parte das exigências do Programa de Mestrado em Letras, área de concentração Linguagem, Cultura e Discurso, orientada pela Prof^a. Dra. Aparecida Maria Nunes.

TRÊS CORAÇÕES – MG

2006

Este trabalho não é uma obra só das minhas mãos. Ele surgiu fruto do trabalho de muitas outras mãos. Quero agradecer a elas:

Mãos que abençoaram: as de Deus.

Mãos que alicerçaram: as da Prof^a. Francisca Fernandes de Carvalho.

Mãos que encorajaram: as da Luciana Prado Reis.

Mãos que ajudaram: as da Prof^a Alessandra Amorim.

Mãos que foram estímulo: as da Tânit Miranda Ferreira.

Mãos que foram amigas: as da Prof^a. Suzane Amadeu.

Mãos que orientaram: as da Prof^a. Aparecida Maria Nunes.

Mãos que foram imprescindíveis: as do Adilson.

Mãos que encontraram: as suas, amigo(a) leitor(a).

Agradeço, em especial, à UNINCOR
pelo grande incentivo.

Dedico este trabalho a meu marido Adilson. Com ele aprendi coisas que nenhuma escola pode me ensinar. A ele que sempre me mostra o valor do saber e que por muito tempo me escreveu cartas, hoje me escreve poesias.

Aos meus queridos filhos, Magno e Matheus, que me abençoaram fazendo de mim mãe.

Ao meu sogro e minha sogra que me acolheram como filha.

Ao Anteir, Ivanil, Marli, Ana e Iara, pelo orgulho de tê-los como irmãos.

A minha mãe que me ensina ate hoje a ser uma lutadora como ela.

Ao meu pai, pela enorme vontade de escrever uma carta para ele e dizer: que saudades.

Ausência

Por muito tempo achei que ausência é falta

E lastimava, ignorante, a falta..

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

Ausência é um estar em mim.

*E sinto-a tão pegada, aconchegada nos meus
braços.*

*Que rio e danço e invento exclamações
alegres.*

*Porque a ausência, esta ausência assimilada,
Ninguém a rouba mais de mim.*

*Carlos Drummond de Andrade
Com o pensamento em Ana Cristina*

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	07
LISTA DE QUADROS	08
RESUMO	09
ABSTRACT.....	10
1 INTRODUÇÃO.....	11
2 BIBLIOTERAPIA: DEFINIÇÕES E HISTÓRICO	15
2.1 Definições	15
2.2 Histórico.....	19
3 LEITURA E LEITURA TERAPÊUTICA	22
4 FUNDAMENTO FILOSÓFICO E COMPONENTES BIBLIOTERÁPICOS.....	28
4.1 Benefícios e limitações da biblioterapia	38
5 ANA CRISTINA CESAR.....	41
6 ESTUDO DE CASO: A BIBLIOTERAPIA E AS CARTAS DE ANA CRISTINA CÉSAR.....	49
6.1 Metodologia	49
6.2 Caracterização da amostra da pesquisa.....	52
6.3 Sobre a carta de Ana Cristina César	58
7 CONCLUSÃO	66
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68
ANEXO 1 – ENTREVISTA	72
ANEXO 2 – HISTÓRIA DESENHADA POR ANA CRISTINA CÉSAR.....	77

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 Ana Cristina César	41
FIGURA 2 Capa de Correspondência Incompleta.....	45
FIGURA 3 Ana Cristina César em Paris	46
FIGURA 4 Caracterização da amostra quanto ao sexo	53
FIGURA 5 Caracterização da amostra quanto a idade	54
FIGURA 6 Gênero que estabelece relação com a Literatura, segundo a amostra entrevistada	54
FIGURA 7 Motivos para escolha do gênero relacionado, segundo amostra entrevistada.	55
FIGURA 8 Média de livros lidos no trimestre pela amostra entrevistada.....	55
FIGURA 9 Grau de importância atribuído à leitura pela amostra entrevistada.....	56
FIGURA 10 Atitude da amostra entrevistada, em relação à leitura, mediante instabilidade financeira	56
FIGURA 11 Gêneros de leitura mais lidos pela amostra entrevistada	57
FIGURA 12 Gêneros de leitura menos lidos pela amostra entrevistada	57
FIGURA 13 Consideração sobre a forma de escrita de Ana Cristina pela amostra entrevistada	59
FIGURA 14 Sentimento despertado na amostra pesquisada após a leitura da carta de Ana Cristina.....	60

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 Conceitos e objetivos da biblioterapia	17
---	----

RESUMO

ROSA, Aparecida Luciene Resende. **As cartas de Ana Cristina César:** uma contribuição para a Biblioterapia. 2006. 82p. (Dissertação de Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Doce – UNINCOR – Três Corações, MG.

As cartas, que podem ser objeto dos estudos literários, permitem o experimento de emoções. O princípio da técnica de leitura da Biblioterapia é apresentar um texto a que cada pessoa possa, a partir de sua vivência pessoal, atribuir um determinado significado. Assim, o presente estudo se justifica na tentativa de reconhecer a importância da leitura em seus fins terapêuticos – uma idéia que não é recente e uma forma de tratamento em evidência, embora pouco divulgada. O objetivo geral é fazer um estudo bibliográfico sobre a Biblioterapia e o objetivo específico é analisar o poder biblioterápico através das cartas de Ana Cristina César – instrumentos para a comprovação do processo da leitura terapêutica. Um processo que não possui apenas o sentido curativo, mas implica também em uma atitude preventiva.

Palavras-chave: Biblioterapia, cartas, Ana Cristina César.

ABSTRACT

ROSA, Aparecida Luciene Resende. **The letters of Ana Cristina Cesar**: a contribution for the Booktherapy. 2006. 82p. (Master in Letters) Universidade Vale do Rio Doce – UNINCOR – Três Corações, MG.

The letters, which can be subject of literary studies, allow the experiment of emotions. The principle of Booktherapy reading technique is to present a text which each person can, from its personal experience, give a certain meaning to it. Thus, the current study justifies itself in trying to recognize the importance of reading on its therapeutical goals – an idea that is not recent and a way of treatment in evidence, even so little divulged. The general objective is to make a bibliographical study on Booktherapy and the specific objective is to analyze the booktherapeutical power through the letters of Ana Cristina Cesar – used to show the therapeutical reading process. A process that does not have only the healing goal, but also implies in a preventive attitude.

Key-words: Booktherapy, letters, Ana Cristina César.

1 INTRODUÇÃO

As cartas, que podem ser objeto dos estudos literários, permitem o experimento de emoções. A linguagem nelas é, quase sempre, casual e descontraída. Geralmente simulam conversas e mostram problemas de cotidianos comuns, tornando-se assim, quase um material de auto-ajuda. Permitem que o leitor se espelhe nelas e perceba a dificuldade que está enfrentando.

Quando publicadas, as cartas deixam de pertencer somente ao destinatário e passam a atingir muitas pessoas. Assim, o que era antes de propriedade exclusiva, passa agora a fazer parte do coletivo. Os destinatários que não foram levados em conta pelo emissor da correspondência, absorvem a informação ali expressa da maneira que sua sensibilidade permitir e conforme a complexidade de sua experiência.

De que tratam os escritores em tantas cartas? De tudo. Especialmente de livros e autores. De vez em quando uma ligeira incursão sobre assuntos domésticos, políticos ou sociais, mas a preocupação absorvente é quase sempre de ordem literária. Impressões de leituras, discussões em torno de obras, estilos, tendências. As leituras são muitas. Uma miscelânea de autores e assuntos, todas sofregamente devorados. Por vezes pequenas pausas. Enfardados, procuram produzir. Trocam então críticas, submetem um ao outro suas produções, estimulam-se, sem, no entanto, abdicar do direito da crítica (LOBATO, 1968, p. 295).

O conteúdo do gênero epistolar, segundo o autor citado, surge como um provocador de sensações e de efeitos que despertam a sensibilidade do imaginário de quem lê. Considera-se que os efeitos sejam tão profundos que chegam a ferir o interior de quem se identifica com a leitura. As cartas, assim, criam o real que é feito de palavras uma realidade própria.

As cartas, na contemporaneidade, abriram caminho para a literatura investigativa e passaram a ocupar nova função: não a de simples correspondência, mas a de desvendamento. Com isso, caminhos são abertos para outra compreensão da literatura, aquele caminho que transcende a leitura e passa a galgar a trilha da cura. O que simplesmente era letra se transforma em palavra e, esta palavra vem acompanhada de vida.

Nesse sentido, ao se falar da poética de Ana Cristina César, fala-se dessa palavra viva, palavra que cria realidades, que tem função de interferir sensorialmente no mundo e

nas pessoas. Pode-se perceber a vivacidade de sua presença e de suas palavras, já no início deste trabalho na epígrafe de Andrade com pensamento em Ana Cristina.

As cartas de Ana Cristina não contam histórias ou ilustram momentos de vida e sim revelam momentos do cotidiano pelos quais as pessoas se inserem, confidenciando as crises existenciais. Resumem-se em representações narradas, que constituem parte de sua obra literária, em que a linguagem fala. Para a autora o ato de leitura consiste em ‘puxar o significativo’, ou seja, consiste em fazer associações das mais diferentes possíveis.

É a partir daí que os conceitos de biblioterapia são introduzidos, transformando-se em caminhos investigativos para a descoberta de alguns elementos do inconsciente, levando o leitor a beneficiar-se do crescimento pessoal.

Biblioterapia que consiste basicamente no uso da literatura como uma forma de terapia para auxiliar e para ajudar pessoas a lidarem com seus problemas de ordem emocional, mental e social, permitindo que desenvolvam um senso de identidade e novas perspectivas que conduzam a uma modificação no comportamento, a fim de se adaptarem de maneira satisfatória às diferentes situações em suas vidas (HASSE, 2004, *on line*).

O termo biblioterapia pode ser compreendido em seu significado, de maneira mais ampla, ao compreender outros termos a partir de horizontes lingüísticos e culturais na história humana.

A palavra “terapia”, no hebraico e em grego, tem o sentido de prevenção e prospecção, ou seja, muito mais do que uma cura. A palavra “terapeuta” tem com primeiro sentido “aquele que cuida”.

Fílon de Alexandria, já no século I, revelou que os terapeutas não só deviam cuidar do corpo, deviam também cuidar do psiquismo. Assim, os primeiros terapeutas da história tinham o papel de observar as tensões, barreiras, que impedem a manifestação da alma no corpo, e tentam ‘desatar’ os nós da alma, os entraves à vida e a inteligência criadora no corpo animado do homem.

Uma curiosidade a ser observada é que em hebraico, o que caracteriza a alma é a palavra. O “ser humano vivo” é um “corpo falante”, e o terapeuta é aquele que cuida da palavra que anima e informa o corpo. Para curar alguém é preciso fazê-lo falar e observar o que impede a palavra no corpo.

A alma e a sua ligação com a palavra também foram analisadas por Freud, que, antes de usar o termo ‘psicanálise’, utilizou a expressão *Seelenbehandlung* que, apesar de

ter sido traduzida como ‘tratamento psíquico’, significa ‘tratamento da alma’. Em 1890, Freud definiu tratamento psíquico como tratamento da alma:

tratamento psíquico significa [...] tratamento que tem origem na alma, tratamento – de perturbações psíquicas ou corporais – com a ajuda de meios que agem primeiro e imediatamente sobre a alma do homem. Tal meio é antes de tudo a palavra, e as palavras são o instrumento essencial do tratamento psíquico. O profano achará, sem dúvida, dificilmente concebível que perturbações mórbidas do corpo ou da alma possam ser dissipadas pela “simples” palavra do médico. Ele pensará que lhe pedimos para acreditar em magia, no que não estará totalmente errado: as palavras de nossos discursos cotidianos não são nada além de magia sem cor. (FREUD, 1980, citado por QUAKNIN, 1996, p. 14).

No mesmo texto, Freud continua dizendo que as palavras são instrumentos importantes da influência que uma pessoa procura exercer sobre outra. Acrescenta considerando que as palavras são meios para modificações psíquicas naqueles a quem são dirigidas.

Assim, para o mesmo, os terapeutas recorrem a uma *therapeia* que se serve da palavra para trabalhar, além da alma, o corpo pela alma, através de um diálogo. A palavra do outro – terapeuta – ativa o mundo psíquico do então paciente, transmitindo as emoções pessoais.

Na mesma linha, essa palavra do outro, se dá pela materialidade do livro e a leitura passa a ser uma conversa. “De acordo com Descartes a leitura passa a ser uma conversa” (QUAKNIN, 1997, p. 16).

A exploração de terapias baseadas na palavra indica que estas são mais que um simples meio de comunicação e que carregam um sentido e um valor emocional. Na verdade, evidências empíricas substanciais e grande número de profissionais da saúde suportam a idéia de que palavras têm potencial terapêutico. Acreditam que as palavras podem levar o leitor para dentro de si mesmo, para memórias e visões, longe da preocupação e da dor. Elas mostram novas maneiras de ver uma realidade.

O presente estudo se justifica, então, na tentativa de reconhecer a importância da leitura para a terapia. Em outras palavras, se apóia no reconhecimento do valor da biblioterapia, seja ela como arte ou como ciência.

Diante do exposto, o objetivo geral se resume em fazer um estudo bibliográfico sobre a biblioterapia e, o objetivo específico, em analisar o valor biblioterápico através das cartas de Ana Cristina César.

Entrelaçadas aos objetivos, respectivamente, as hipóteses formuladas são: (1) que a terapia através da leitura não possui apenas o sentido curativo, implicando também uma atitude preventiva; (2) as cartas pessoais podem de fato contribuir para a função terapêutica.

Estruturou-se o estudo em capítulos. Posteriormente à introdução, encontra-se uma revisão de literatura sobre as definições e o histórico da técnica psicoterapêutica – biblioterapia. O terceiro capítulo apresenta um estudo sobre a evolução do processo de leitura, chegando a retratá-lo até sua função terapêutica – de particular interesse ao trabalho. O capítulo seguinte, o fundamento filosófico que a biblioterapia utiliza para aplicação do seu processo foi apontado, assim como seus passos e seus campos de aplicação, resultados e limitações. Ao quinto capítulo reservou-se a caracterização de Ana Cristina César, dentro da literatura. O estudo de caso sobre a biblioterapia através das cartas de Ana Cristina César está organizado no sexto capítulo, onde se descreve a metodologia adotada – tipo e instrumento de pesquisa; apresenta-se a constituição da amostra pesquisada e; finalmente, os resultados obtidos sobre o poder terapêutico das mesmas. Fecha-se com uma conclusão.

2 BIBLIOTERAPIA: DEFINIÇÕES E HISTÓRICO

O objetivo deste capítulo, no presente trabalho, é fazer uma revisão a literatura sobre as definições e o histórico da técnica psicoterapêutica, definida como uso terapêutico da leitura, chamada Biblioterapia, tentando interpretá-la como um texto único, dinâmico e aberto, que se relaciona dialogicamente com outros textos e contextos.

A biblioterapia é primariamente uma filosofia existencial e uma filosofia do livro, que sublinha que o homem é um ser dotado de uma relação com o livro. Dessa forma, essa relação com o livro – a leitura – permite ao homem compreender o texto e se compreender. O leitor, ao interpretar, passa a fazer parte do texto interpretado. A interpretação é a junção da explicação objetiva do texto e da sua compreensão subjetiva. A interpretação descobre um outro mundo, o mundo do texto, com as variações imaginativas que a literatura opera sobre o real. A biblioterapia, portanto, propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação dos textos (OUAKNIN, 1996, p. 200).

Acrescenta-se que, a bibliografia brasileira sobre o assunto ainda é pequena, portanto, utilizou-se, em grande parte, definições traduzidas de bibliografias estrangeiras, além do acesso a documentos eletrônicos disponíveis sobre o tema.

2.1 Definições

“Para os norte-americanos *book therapy*, para os franceses *livre thérapie*” (PERISEÉ, 2004, *on line*). De acordo com Caldin (2001), pode-se dizer que existe uma terapia por meio de livros. Tal terapia recebe o nome específico de biblioterapia, originada de dois termos gregos *biblion* – livro, e *therapeia* – tratamento.

Terapia é cuidado no sentido mais amplo possível, é atenção, é encaminhamento para a cura, é busca da saúde e da salvação. Retomando as origens etimológicas, o verbo latino *colere* expressa todos os tipos de cultivo, incluindo-se o culto religioso. Sócrates encarava a filosofia como uma terapia intelectual, que auxiliava os homens a cultivarem a inteligência e a vontade, recuperando o caminho do equilíbrio interior (PERISEÉ, 2004, *on line*).

Biblio é a raiz etimológica de palavras usadas para designar todo tipo de material bibliográfico ou de leitura, e terapia significa cura ou restabelecimento. A Biblioterapia é vista como um processo interativo, resultando em integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado neste processo interativo é amplo e inclui todo tipo de material, inclusive os não-convencionais.

De modo geral, e de acordo com os registros literários, pode-se considerar a Biblioterapia como uma prática que usa livros ou temas específicos que auxiliam crianças, adolescentes ou adultos a lidarem com seus problemas. Basicamente, funciona a partir do ponto em que o leitor se depara com um personagem e se identifica com ele e, ao interagir e participar da experiência, acaba encarando o seu próprio problema.

Hasse (2004, *on line*) em seu estudo aponta algumas definições sobre biblioterapia:

[...] pode ser definida como um processo de interação dinâmica entre a personalidade do leitor e literatura [...] interação que pode ser utilizada para avaliação, ajustamento e crescimento pessoal [...] é vista pela *Correctional Service of Canadá* como uma forma de dieta psicológica prescrita por meio da leitura de livros equivalente a uma prescrição médica. Essas leituras têm como objetivo favorecer o desenvolvimento da maturidade e sustentar a saúde mental [...] Para Riordan e Wilson é uma leitura dirigida para o ganho de entendimento ou solução de problemas relevantes às necessidades terapêuticas do paciente [...] Para Pardeck, é uma técnica para uma interação estruturada entre um facilitador e um participante baseada na participação mútua da leitura de um texto literário [...] Para Cohen, 1992 é o uso terapêutico da literatura com a condução ou intervenção de um terapeuta [...] Para Schlieter é um processo de interação dinâmica entre um indivíduo e a literatura através de um diálogo facilitado.

Pintos (1999) aponta que, dentro do contexto, três elementos assumem valor terapêutico: o valor da palavra pelo seu caráter ético e estético, da mensagem e da forma; a palavra dita por alguém investido de valor. Acrescenta ainda que a biblioterapia pode ser implantada com qualquer população e alcança bons resultados.

Ranton (1975, p.200) vem agregar ao pensamento de Pintos (1999), onde afirma que, “o livro é capaz de proporcionar uma série de benefícios, incluindo dentre eles: o aumento da auto-estima, o desenvolvimento de atitudes sociais desejáveis e escolha de valores facilitados pela identificação com personagens, e estímulo para a criatividade”.

Biblioterapia é utilizada para complementar a educação formal, através de discussões orientadas e leitura dirigida. É aplicada como uma terapia por alguém

especificamente treinado para isso, e em caráter preventivo, de preferência em grupos homogêneos, com os mesmos interesses, e principalmente, na mesma faixa etária.

Traduzindo o conceito de Marcinko (1989, p.2),

a Biblioterapia pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes, e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de promover auto-afirmação, auto conhecimento ou reabilitação.

Em palavras simples, até o exposto aqui, a Biblioterapia poderia ser definida como uma técnica de mudança de comportamento através do autoconhecimento e que utiliza as qualidades racionais – intelecto, inteligência, compreensão cognitiva – e emotivas dos indivíduos que se submetem a ela, para obter uma modificação do seu comportamento.

Alves (1982, p.55) aponta a biblioterapia como “a arte de curar enfermidades por meio da leitura”. Segundo a mesma é necessária a estruturação de um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais de leitura planejada.

“A biblioterapia é uma técnica que se utiliza da leitura e outras atividades lúdicas como coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou mental. É aplicada como educação e reabilitação em indivíduos em diversas faixas etárias” (MATTOS e QUEIROZ, 2000, *on line*).

Para Gomes (2001, p. 28), “a biblioterapia influencia a pensar, agir e formar o comportamento das pessoas”.

O Quadro 1 foi organizado pela autora do presente estudo, com base nos registros literários encontrados, com o objetivo de apresentar os conceitos de biblioterapia e, respectivos objetivos, de acordo com uma ordem cronológica a respeito do tema.

QUADRO 01 Conceitos e objetivos da biblioterapia

	Conceito de Biblioterapia	Objetivos da Biblioterapia
Alice Bryan	É a prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental.	Permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para seu problema; auxiliar o leitor a verificar suas emoções em paralelo às emoções dos outros; ajudar o leitor a pensar na experiência vicária em termos humanos e não materiais; proporcionar informações necessárias para a solução dos problemas, e, encorajar o leitor a encarar sua situação de forma realista de forma a conduzir à ação.

	Conceito de Biblioterapia	Objetivos da Biblioterapia
L.H. Tveffort	É um método subsidiário da psicoterapia; um auxílio no tratamento que, através da leitura, busca a aquisição de um conhecimento melhor de si mesmo e das reações dos outros, resultando em um melhor ajustamento à vida.	Fazer a introspecção para o crescimento emocional; melhorar o entendimento das emoções; verbalizar e exteriorizar os problemas; ver objetivamente os problemas, afastar a sensação de isolamento; verificar falhas alheias semelhantes às suas; aferir valores; realizar movimentos criativos e estimular novos interesses.
Kenneth Appel	É o uso de livros, artigos e panfletos como coadjuvantes no tratamento psiquiátrico.	Adquirir informação sobre a psicologia e a fisiologia do comportamento humano; capacitar o indivíduo a se conhecer melhor; criar interesse em algo exterior ao indivíduo; proporcionar a familiarização com a realidade externa; provocar a liberação dos processos inconscientes; oferecer a oportunidade de identificação e compensação; clarificar as dificuldades individuais; realizar as experiências do outro para obter a cura e auxiliar o indivíduo a viver mais efetivamente.
Louise Rosenblatt	É uma ajuda para o ajustamento social e pessoal; a literatura imaginativa é útil para ajustar o indivíduo tanto em relação aos seus conflitos íntimos como em conflitos com outros. Como o pensamento e sentimento estão interligados, o processo de pensamento reflexivo estimulado pela leitura é um prelúdio para a ação.	Divide os objetivos em de cura e de prevenção. Objetivos de cura: aumentar a sensibilidade social; ajudar o indivíduo a se libertar dos medos e das obsessões de culpa: proporcionar a sublimação por meio da catarse, e, levar o ser humano a um entendimento de suas reações emocionais. Objetivos de prevenção: prevenir o crescimento de tendências neuróticas e, conduzir a uma melhor administração dos conflitos.
Orsini	É uma técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais.	Classifica os objetivos como sendo de: nível intelectual, nível social, nível emocional e nível comportamental. Assim, a biblioterapia tem como objetivos: auxiliar o auto-conhecimento pela reflexão, reforçar padrões sociais desejáveis, proporcionar desenvolvimento emocional pelas experiências vicárias e auxiliar na mudança de comportamento.
Mattews e Lonsdale	Constitui-se em uma terapia de leitura imaginativa, que compreende a identificação com uma personagem, a projeção, a introspecção e a catarse.	Distinguiram três tipos a terapia de leitura: a de crescimento, a factual e a imaginativa. Assim, os objetivos são: divertir e educar (crescimento), informar e preparar o paciente para o tratamento hospitalar (factual) explorar os sentimentos e tratar os problemas emocionais (imaginativa).

	Conceito de Biblioterapia	Objetivos da Biblioterapia
Caldin	É a leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios.	Proporcionar uma forma de as crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais e quiçá físicos; oferecer moderação das emoções às crianças.

Fonte: Elaborado pela autora

Mas de todas as definições apresentadas, é sem dúvida, a de Caroline Shrodes, a referência até os dias de hoje. Em 1943, Shrodes já desenvolvia estudos sobre a aplicação da literatura com fins terapêuticos. Mais tarde, em 1949, baseando-se em Alice Bryan, Tweffort, Kenneth Appel e Rosenblatt – citados no Quadro 1 – formulou um conceito de biblioterapia como sendo um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo.

2.2 Histórico

Segundo Periseé (2004, *on line*), “[...] não se trata de uma nova ciência, pois é tão velha quanto o alfabeto e o pergaminho”.

Ferreira (2003) fez um estudo sobre o histórico da biblioterapia. Nos registros do autor, relatam-se que, no antigo Egito, as bibliotecas eram consideradas espaços de conhecimento e espiritualidade e se localizavam em templos denominados de ‘casas de vida’. Já na Grécia antiga, o conceito de curar por meio de livros fazia parte de sua cultura: na porta da biblioteca de Tebas estava inscrito ‘O lugar de cura da alma’. Sabe-se que os gregos eram famosos por suas tragédias. Para eles uma tragédia embutia a finalidade de cura se seu público. Assim, a arte trágica, através da leitura, trazia uma idéia de ‘limpar’ a alma. Para os romanos, as obras dos grandes oradores, eram recomendadas como recurso terapêutico aos pacientes com a finalidade de desenvolver a capacidade crítica.

Ao final do século XVIII, os livros começaram a ser usados como tratamento para doentes mentais na França, Inglaterra e Itália. Os primeiros princípios básicos da biblioterapia foram praticados pelo médico Benjamin Rusch, em 1815. Mais tarde, em

1853, o médico John Minson Galt II redigiu o primeiro artigo sobre os benefícios terapêuticos da literatura no tratamento de doentes mentais.

Durante o século XIX, o uso de livros para pacientes psiquicamente enfermos passou a ser incluído por muitos médicos norte-americanos como parte do tratamento. O termo biblioterapia é usado por Samuel Crothers, em 1916, em um artigo que referia-se à biblio-terapêutica como uma nova ciência.

Na década de 30, Emma T. Foreman defende a biblioterapia como ciência e descarta a possibilidade de ser vista como arte.

Louise Rosenblatt, em 1938, indica pela primeira vez os benefícios da Biblioterapia, concluindo que o contato prolongado com as personalidades nos livros pode: aumentar a compreensão social; permitir ao sujeito colocar-se no lugar de outra pessoa e sentir suas necessidades, sofrimentos e aspirações; ajudar o paciente na assimilação de padrões culturais, através do reconhecimento das atitudes e expectativas do seu grupo; liberar o sujeito de uma atitude provinciana pela ampliação da consciência quanto à formação adquirida na família e na comunidade (FERREIRA, 2003, p.38).

Na década de 40, Caroline Shrodes, torna-se a primeira pessoa com Ph. D. em Biblioterapia, lançando as bases da Biblioterapia atual.

Em 1970, Sclabassi escreveu um artigo e faz uma revisão da literatura em Biblioterapia classificando a pesquisa em quatro áreas profissionais: medicina geral (a técnica se volta ao campo médico, sendo aplicada por um bibliotecário do hospital ou por um bibliotecário em conjunto com outro profissional da área médica), psiquiatra (aplicada no tratamento de pacientes em hospitais e clínicas em conjunto com outras técnicas terapêuticas), educacional (usada para vários propósitos e em todos os níveis da educação), e corretiva (livros usados com delinquentes por pesquisadores responsáveis da área). Sclabassi ainda categoriza a intervenção biblioterapêutica em quatro níveis: intelectual, social, emocional e comportamental. A autora levanta dois aspectos quanto à pesquisa em Biblioterapia. O primeiro referente ao termo biblioterapia e sua implicação a tratamento, porém, sendo utilizada também para propósitos de diagnóstico (bibliodiagnose) e de prevenção (biblioprofilaxia). As distinções entre os tipos não são claras na pesquisa sobre a técnica. O segundo problema, na visão da autora, recai nos trabalhos publicados, sendo, na sua maioria, descritivos ao invés de experimentais (FERREIRA, 2003, p.39).

Na década de 1990, John Pardeck após publicações sobre a biblioterapia, ressalta que como qualquer outra terapia, há precauções e limitações, devendo ser vista como um adjunto a outras terapias.

É importante apontar que, devido ao fato de ter desenvolvido principalmente no ambiente dos hospitais e clínicas de saúde mental, a Biblioterapia foi aplicada quase de forma corretiva, e voltada para aspectos clínicos de cura e restabelecimento de pessoas com profundos distúrbios emocionais e de comportamento. O seu caráter preventivo foi descoberto posteriormente, sendo aplicado junto a crianças, adolescentes e jovens, em escolas, bibliotecas e centros comunitários, em trabalho multidisciplinar.

3 LEITURA E LEITURA TERAPÊUTICA

Para este capítulo reservou-se um estudo sobre a evolução do processo de leitura, chegando a retratá-lo até sua função terapêutica – de particular interesse ao trabalho.

Desde as sociedades antigas a leitura já era vista como importante, sobretudo para a realização pessoal. Na educação das mulheres era atribuído o ato de ler somente. A escrita era, então, considerada perigosa às mesmas. A distância entre o ler e o escrever era grande em meados do século XVIII. Na Inglaterra Luterana campanhas de leitura eram realizadas para que as pessoas pudessem ler com os próprios olhos a ‘Palavra Sagrada’, já que a difusão da escrita não era aceita por parte dos clérigos e eclesiásticos.

Entre os séculos XVI e XVIII, surgem novas práticas da leitura, uma delas é a leitura silenciosa, quando a mesma passa do domínio público para o privado. Desse modo, se tornou possível ler sem ser em voz alta, prática até então impossível. Essa prática foi difundida entre os alfabetizados e, no século XIX, surge a distinção entre aqueles que são inaptos à leitura, por não saberem ler em silêncio, e aqueles que, possuindo a capacidade da leitura silenciosa, são conceituados como leitores. A leitura silenciosa contribuiu para inovar o trabalho intelectual, que se tornou um ato individual, além de permitir a intimidade com os livros (SILVA, 1981, p.42).

Foi assim que a biblioteca começou a penetrar na vida das pessoas, sendo um local apropriado para prática da leitura silenciosa e tornando-se um lugar de meditação. Com tal advento surgiu uma nova atividade empresarial: a impressão de obras escritas. Outro fato a considerar foi que, com o aumento de pessoas que dominavam o ato da leitura, houve um fortalecimento na formação de escolas que alfabetizassem a população.

Só por volta de 1840, o Rio de Janeiro, sede da monarquia no Brasil, passa a exibir alguns traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora: estavam presentes os mecanismos mínimos para a produção e circulação da literatura; como tipografias, livrarias e bibliotecas; a escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à melhoria do sistema; o capitalismo ensaiava seus primeiros passos graças à expansão da cafeicultura e dos interesses econômicos britânicos, que queriam um mercado cativo, mas em constante progresso (LAJOLO E ZILBERMAN, 1996, p.18).

De acordo com registros e pesquisas, sabe-se que a leitura é uma busca constante de significados, o que prova que quanto mais um indivíduo ler, mais ele estará apto a enfrentar e interpretar o mundo e dominar o saber. Assim, é importante considerar a leitura como um processo que capacite o indivíduo para suas habilidades de decifrar sinais e compreendê-los. De acordo com Lajolo (1986, p.59),

ler não é decifrar, como um jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela propondo outra não prevista.

O propósito básico da leitura é de apresentar um texto individual e, ao mesmo tempo, plurisignificativo, onde cada pessoa possa, a partir de sua vivência pessoal, atribuir-lhe determinado significado.

[...] Defrontando-se com a construção da inteligência artificial, observa-se que freqüentemente tomamos a compreensão, o entendimento, pela inteligência que na verdade inclui também a empatia e a identificação, quando um interlocutor se põe na posição do outro ou da dos personagens de um relato, quer dizer, entendemos sempre a partir de nossas memórias, experiências e inteligência. A compreensão variaria desde o simples fazer sentido; passando pelo entendimento cognitivo até a ‘ empatia completa’. A empatia completa só ocorre a partir de experiências semelhantes, enquanto que o entendimento cognitivo exige o aprendizado ou mudanças com a experiência, a relação de experiências presentes com as passadas, chegando a informações novas e, ainda, que se explique como chegou até a nova informação (FONTANARI, 1991, p. 23).

O pluralismo interpretativo dos comentários aos textos deixa claro que cada um pode manifestar sua verdade e ter sua visão do mundo. Entre os parceiros do diálogo há o texto, que funciona como objeto intermediário. No diálogo biblioterapêutico é o texto que abre espaço para os comentários e interpretações que propõem uma escolha de pensamento e de comportamento.

Dessa maneira, o indivíduo seria capaz de entender ou compreender um texto em três níveis diferentes: primeiramente o fazer sentido, a capacidade de entender as situações vividas pelos personagens, as situações apresentadas; o segundo, o entendimento

cognitivo, ou seja, a capacidade de relacioná-lo às situações vividas no seu dia-a-dia e compreender seus problemas a partir delas e; a terceira através da empatia completa, ou seja, pela identificação total com o personagem, capacidade de admitir traços do caráter do personagem como seus.

De acordo com estudos, qualquer pessoa ao ler constrói um texto paralelo intimamente relacionado ao texto que está sendo lido. Este texto paralelo está intimamente relacionado às suas experiências e vivências pessoais, desta forma o mesmo texto tornando-se um texto diferente para cada leitor. O texto criado pelo leitor está baseado em interferências, referências e co-referências de esquemas individuais de percepção. É nesse texto que o leitor irá se basear quando alguém lhe pedir que explique o que leu. O texto paralelo, portanto, criado por ele é o texto que ele realmente compreendeu. A criação de um novo texto é concomitante ao significado que o texto adquire para o leitor. Em síntese, “conceitos podem ser transmitidos, mas significados são pessoais e intransferíveis” (FERREIRA, 2003).

Mesmo com o advento da globalização e com a entrada de outros meios de comunicação no cenário, alguns autores se posicionam em defender o livro como o veículo mais importante para a transmissão e transformação da cultura.

Ler é uma experiência. Ler sobre uma tempestade não é o mesmo que estar em uma tempestade, mas ambas são experiências [...] Não vivemos para adquirir informação, mas a informação, assim como o conhecimento, sabedoria, habilidades, atitudes e satisfações, vêm com a experiência de estar vivo [...] A experiência na leitura produz sempre mais conhecimento sobre a própria leitura, de modo que aqueles que lêem muito sem dúvida tendem a ler melhor (MARIA, 1994, p.175).

O ato de ler oportuniza possibilidade de diálogo através da exploração de experiências variadas com meios sociais, geográficos e históricos.

O ato de ler tem sido usado através da história da humanidade no auxílio de pessoas que queiram criar um senso de identidade, que buscam crescimento pessoal ou até mesmo o bem-estar físico. A leitura surge de diversos contextos, desde os grupos, da família ou até mesmo do indivíduo isolado.

Na área das bibliotecas, uma das questões mais debatidas é a intervenção social – tentar determinar as necessidades que os utilizadores de

determinada biblioteca sentem, satisfazê-las e criar, assim, laços intensos entre a comunidade e a biblioteca. É neste âmbito que surge a biblioterapia, uma nova forma de terapia que pretende, acima de tudo, prevenir a doença através dos livros, ou seja, curar através da palavra e da leitura (VICENTE, 2000, *on line*).

“Dois tipos de Biblioterapia podem ser distinguidos: aquele que ocorre com a orientação e habilidade de algum profissional, e aquele em que não há intervenção externa, ou chamada auto-ajuda” (HASSE, 2004, *on line*).

Segundo Quaknin (1996, p. 16),

a leitura é primeiramente um acontecimento solitário, um encontro privado com o outro mundo, sozinho com o livro, sozinho consigo mesmo. A leitura é uma conversa, oferecendo aos leitores a possibilidade de descobrir uma segurança material e econômica, uma segurança emocional, uma catarse dos conflitos e da agressividade, uma segurança espiritual e abertura a outras culturas, sentimento de amor, engajamento na ação, valores individuais, pessoais e superação das dificuldades. Tudo isto que foi apresentado exerce um fascínio para aqueles que ultrapassaram certas etapas da vida e que precisam dar continuidade ao seu existir com dignidade.

Mas nesse contexto urge conhecer o que pode diferenciar uma leitura ordinária e habitual de uma leitura terapêutica. Instiga-se a exploração e a avaliação dos conceitos sobre um real entendimento da leitura sobre a ciência da biblioterapia. Para Hasse (2004, *on line*),

a diferença entre simples leitura e leitura terapêutica reside na intensidade da experiência. O que se destaca na Biblioterapia é que o ato da leitura para curar é um processo interativo. Pesquisadores têm identificado dois componentes da leitura terapêutica que a separa da simples leitura. O primeiro componente se refere ao fato do autor engajar o leitor num diálogo silencioso, e o leitor se torna parte do processo de desdobramento intelectual e emocional do livro. O segundo componente está na obrigação do leitor de entender o que está sendo comunicado num nível mais profundo, como uma consequência direta da comunicação, e responder através de uma alteração ou modificação positiva no comportamento ou atitude. Os livros usados para promover este processo terapêutico podem ser de ficção ou não-ficção, mas devem conter as seguintes características: o nível ou dificuldade deve corresponder com a habilidade do leitor, as circunstâncias devem ser paralelas à situação do leitor, os problemas são

relatados realisticamente, e o tom ou humor compatíveis com os objetivos do leitor.

Psicólogos e demais profissionais de saúde fazem o uso de livros para ajudar, não só seus pacientes, mas a comunidade em geral, a superar suas dificuldades, vencer seus obstáculos e sanar seus problemas. Assim, é grande o número de pessoas que adotam livros de auto-ajuda para resolução de crises pessoais.

A Biblioterapia é uma técnica para promover a integração bem sucedida de valores e ações da pessoa que está se submetendo ao processo psicoterápico, mesmo embora nem todas as formas utilizem técnicas psicoterápicas, podendo assim ser utilizada para o desenvolvimento pessoal. Indo mais além pode se conceituar e definir a Biblioterapia como um processo terapêutico baseado na literatura, constituindo-se então num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal.

Sendo a biblioterapia um processo interativo, que extrapola a simples leitura, a variação de seu uso a distingue em duas categorias, sendo elas arte e ciência.

A biblioterapia funciona como arte para os profissionais que utilizam para cura, porém não ligados à área médica. Consiste em uma técnica não diretiva de leitura conduzida à auto-ajuda, a partir da seleção de textos que objetivam solução de problemas pessoais, facilitando a compreensão da situação. Em síntese, a biblioterapia como arte consiste do ato do leitor retirar do texto, sem intervenção de um facilitador, o que relaciona com suas emoções, com seus objetivos, seus assuntos pessoais.

Por outro lado, enquanto a arte da biblioterapia possui uma abordagem não diretiva, a ciência da biblioterapia focaliza o tratamento dos sujeitos que sofrem problemas de ajustamentos, problemas emocionais ou mentais sérios, estando estes sempre acompanhados da orientação de um profissional da saúde. Em síntese, a biblioterapia como ciência requer um planejamento cuidadoso, conhecimentos médicos e considerações psicológicas.

Segundo Vicente (2000) a biblioterapia possui 3 variantes: a primeira consiste na biblioterapia vista como ajuda ao processo terapêutico; a segunda, consiste na biblioterapia como terapia própria; a terceira, na biblioterapia como disciplina de desenvolvimento e crescimento pessoal.

Ainda segundo o mesmo autor, enquanto biblioterapia própria pode se subdividir em: biblioterapia tradicional – também chamada receptiva ou prescritiva, na qual apenas se

lêem livros; biblioterapia simbólica ou indutiva – o objetivo seria reativar os afetos emocionais e resolver os bloqueios do doente, onde a escrita de diários é muito usada); biblioterapia expressiva ou criativa – também chamada poesiaterapia ou escrita criativa.

Mas no princípio geral da biblioterapia, seja ela como arte ou como ciência, o componente que a torna uma técnica de aconselhamento é naturalmente um biblioterapeuta que pode ser qualquer um dos profissionais que atuarão conjuntamente neste programa – psicólogo, educador, bibliotecário ou assistente social. Este profissional deve prescrever material específico para dar assistência a uma pessoa na solução de seu problema específico. Assim, de acordo com Ferreira (2003) para agir efetivamente, o biblioterapeuta deve possuir algumas qualificações importantes, a saber: (1) entendimento profundo de natureza psicológica do problema que está sendo enfrentado; (2) compreensão do caminho que este problema particular é tratado na seleção do livro prescrito e; (3) habilidade em formular hipóteses, que se refiram ao impacto que este material terá sobre a solução positiva do problema ou objetivo que se queira alcançar.

4 FUNDAMENTO FILOSÓFICO E COMPONENTES BIBLIOTERÁPICOS

Todo processo biblioterápico fundamenta-se em princípios filosóficos que auxiliam a aplicação da biblioterapia – sendo ela como ciência ou arte – e à obtenção de resultados benéficos. Assim, nesse quarto capítulo objetivou-se apontar o fundamento filosófico que a biblioterapia utiliza para aplicação do seu processo; objetivou-se também descrever os passos do mesmo, bem como seus campos de aplicação, resultados e limitações.

Para Iser (1999, p.85), “a idéia de que os textos literários mudam, em um sentido terapêutico, o estado psíquico do leitor que pode assim descobrir o verdadeiro significado já é algo tanto trivial”.

Para Ouaknin (1996, p. 97), a tese central da biblioterapia é que o ser humano, como criação contínua e em movimento constante, "encontra suas forças no processo narrativo-interpretativo da atividade da leitura”.

Segundo Caldin (2001), a biblioterapia admite a possibilidade de terapia por meio da leitura de textos literários, contempla a leitura de histórias e os comentários adicionais a ela e propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação do texto. Assim, o fundamento filosófico essencial da biblioterapia é a ‘identidade dinâmica’. O processo de identificação do leitor/ouvinte vale-se da introjeção e da projeção, partindo-se do pressuposto que toda experiência poética é catártica e que a liberação da emoção produz uma reação de alívio da tensão e purifica a psique, com valor terapêutico.

Retomando Ouaknin (1996, p. 98-99),

para a biblioterapia, a identidade é um não lugar, pois o ser humano é um ‘ser de caminho, um homem em marcha. Assim, ao lado da identidade estável, as marcas distintivas do homem – caráter, nome, profissão, posição social – existe a identidade construída pelas identificações adquiridas nos modelos, heróis ou valores nos quais a pessoa se reconhece, que poderia ser chamada de identidade dinâmica. As histórias, contadas ou lidas, propõem ao ouvinte ou leitor a possibilidade de mudança de direção da trajetória inicial de sua história. Dessa forma, as personagens, situações ou intrigas que aparecem nas histórias ficcionais permitem ao ouvinte ou leitor identificações literárias construídas a partir da identidade narrativa que circula entre o texto e a ação.

Em síntese, a linguagem em movimento, o diálogo, é o fundamento da biblioterapia e o método biblioterapêutico consiste em uma dinamização e ativação existencial por meio da ativação da linguagem. As palavras não são neutras e a linguagem metafórica conduz o homem para além de si mesmo; ele se torna outro, livre no pensamento e na ação.

Embora a palavra terapia possua sentido curativo, na realidade envolve um sentido mais amplo, implicando em uma atitude preventiva. Assim o sentido primário da palavra terapeuta seria aquela que cuida, e que cuida não só do corpo como do espírito.

Caldin (2001) menciona em seu estudo os componentes básicos da biblioterapia, sendo eles: a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção.

- *A catarse*

Acredita-se ser possível substituir o teatro pelos textos literários, pois os mesmos podem provocar as mesmas emoções. As palavras são consideradas, assim, instrumento essencial para o tratamento do espírito. Aristóteles (1966) concebeu o espetáculo trágico como capaz de transformar sentimentos como o medo e a piedade em prazeres estéticos, assim tais emoções são despertadas por uma representação considerada como artística, anulando assim a força nociva inicial. Assim, processa-se da mesma forma a catarse por meio dos textos literários – uma alegria serena que advém da leitura de narrativas que transformam em fruição a piedade e o temor. Dessa forma a catarse pode ser entendida como pacificação, serenidade e alívio das emoções. É nessa perspectiva que se enfoca a leitura de textos literários como desempenhando uma função catártica. Não está, portanto, em desacordo com a moderna concepção de catarse, em que o termo é utilizado com referência à função libertadora da arte.

- *O humor*

Segundo Freud (1969) o humor se configura um triunfo do narcisismo porque o ego se recusava a sofrer. O humor é a rebelião do ego, transformando o objeto de dor em objeto de prazer. Assim, acredita-se que os textos que privilegiam o humor constituem uma possibilidade terapêutica.

- ***A identificação***

“A identificação é um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1994, p. 226).

- ***A introjeção***

A introjeção está relacionada com a identificação e “A constitui-se em um processo evidenciado pela investigação analítica: o sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de ‘fora’ para dentro’, objetos e qualidades inerentes a esses objetos” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1994, p. 351).

- ***A projeção***

“A projeção é no sentido propriamente dito, operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo ‘objetos’ que lê, desconhece, ou recusa nele” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1994, p. 374). Assim, em síntese, é a transferência ao outro de uma idéia, de uma intenção, de um sentimento, de expectativas e desejos.

- ***A introspecção***

“A introspecção é a descrição da experiência pessoal em termos de elementos e atitudes a observação, por uma determinada pessoa, de seus próprios processos mentais” (MICHAELIS, 1998, p. 699). Assim, a leitura favorece a introspecção e leva o indivíduo a refletir sobre seus sentimentos, e em um contexto terapêutico, oportuniza a possibilidade de mudança.

Hasse (2004) considera a descrição do processo da Biblioterapia tão variada quanto as suas muitas definições. Acrescenta que, geralmente, as atividades na Biblioterapia são desenhadas para: dar informação, promover *insight*, estimular discussões sobre o problema, comunicar novos valores e atitudes, tomar consciência de que outras pessoas

possuem problemas similares, dar soluções realistas para os problemas. Entretanto, para que o processo se torne eficiente, o mesmo deve considerar a qualidade dos textos e o impacto deles sobre o leitor.

Segundo Goodman (1991, p.11),

a qualidade dos textos e do material a serem utilizados, é fundamental para o sucesso da Biblioterapia. Um bom texto literário ou qualquer outra obra de qualidade permitem, pela sua profundidade, uma compreensão e construção em vários níveis.

Assim, a escolha do texto literário necessita ser condizente com as necessidades do paciente e favorecer o confronto com certos dilemas de maneira segura. Ainda, a seleção dos textos precisa incluir os aspectos sociais, culturais e educacionais do paciente envolvido.

É preciso que a seleção para efeito da Biblioterapia, não se restrinja às características literárias e de conteúdo das obras. É preciso também levar em conta os aspectos psicoeducacionais dos indivíduos envolvidos. Da interação entre estes dois pólos é que surgirá uma Biblioterapia efetiva (HASSE, 2004, *on line*).

Basicamente, o processo da terapêutica do livro – biblioterapia – inicia com a escolha de um texto – por exemplo, um conto, uma poesia, uma parábola, cujo tema o terapeuta deseja focar diretamente, por estar relacionado com as inquietudes não plenamente conscientes do paciente. A leitura conduz o paciente para um estado de introspecção, permitindo que certas vivências interiores e percepções se tornem mais intensas. O paciente acaba compreendendo intuitivamente o conteúdo da mensagem que a narrativa encerra, sem a intervenção direta do terapeuta. O paciente, então, aproxima-se de si mesmo de maneira mais relaxada e efetiva.

Para Pintos (1999, p. 22), “quando a leitura do texto é feita pelo terapeuta durante a consulta clínica, o clima que favorece o impacto da leitura no paciente deve ser criado pelo próprio terapeuta a partir da sua inflexão de voz, ritmo de leitura, conteúdo da narrativa”.

De acordo com os estudos sabe-se que são quatro os estágios do processo biblioterápico: identificação, seleção, apresentação e acompanhamento/discussão. Cada estágio deve ser conduzido pelo terapeuta e é igualmente importante.

Identificar os problemas e as emoções do indivíduo é o primeiro estágio e envolve a necessidade de uma sensibilidade particular por parte do terapeuta. As necessidades do paciente precisam ser identificadas para que haja seleção apropriada dos textos a fim de que combinem com seus problemas pessoais.

O processo de seleção requer habilidade e introspecção, já que o livro/texto deve prover informação correta sobre o problema, e, ao mesmo tempo, não permitir falsa sensação de esperança.

O texto deve ser apresentado cuidadosamente e estrategicamente para que o cliente seja capaz de ver similaridades entre si e as personagens do texto. Assim que o paciente consiga se identificar com a personagem principal, o último estágio, de acompanhamento e discussão, é introduzido pelo terapeuta para que seja discutido o que foi aprendido.

O estágio final é talvez o mais crucial, pois sem um tipo de atividade após a leitura, o processo se torna apenas uma mera leitura. O paciente expressa a catarse verbalmente em discurso ou escrita, ou não-verbalmente por meio da arte, teatro, ou outra atividade da escolha do paciente. Assim que ocorre a catarse, o paciente pode ser conduzido para a interpretação dentro do problema.

De maneira sintética, Vicente (2000, *on line*) define o processo:

o processo terapêutico consiste no seguinte: em primeiro lugar, o paciente tenta identificar-se com as personagens do texto. Surge a chamada projeção na personagem. De seguida, dá-se uma ab-reação na fase da catarse – compreensão através do distanciamento. Movimento de libertação e de cura. Ou seja, esquematizando o processo: (1) o afeto projetado na personagem literária; (2) interpretação das causas de atuação das figuras literárias e da intenção do autor; (3) verbalização das emoções, da agressão e da memória – catarse; (4) autoconhecimento, tolerância, aprendizagem e interação no ego.

Para Quaknin (1996), a técnica se conduz pela interpretação do texto, dividida em dois momentos. O primeiro é a explicação o qual evidencia a estrutura textual, o funcionamento interno, portanto, uma interpretação objetiva. O segundo momento da leitura procura a possibilidade de uma aplicação do sentido ou de outra expressão, de uma apropriação subjetiva. Para o autor este é o momento da compreensão subjetiva e existencial, do efeito do texto no leitor que recebe e se apropria do sentido:

tem efeitos práticos e psicológicos: transfigura-se o mundo da realidade e o ego do leitor. A interpretação do texto é uma proposição de mundo, de um mundo que possa ser habitado por mim para projetar nele um dos meus possíveis mais próprios (QUAKNIN, 1996, p. 200).

O processo biblioterapêutico é para o mesmo um movimento de metamorfose, uma prática da leitura que leva à alteração-alteridade, a um ser diferente, a novas configurações possíveis do pensamento e da ação. O texto se projeta como um mundo que entra em colisão com o mundo real, permitindo que ele seja refeito pelo leitor. Acrescenta, ainda, que a experiência da leitura distingue-se em três etapas: a da imaginação, a da narração e a da decisão-ação.

Tempo da imaginação: fase teórica – a primeira etapa da leitura, vista pela suspensão da percepção do mundo real para dar lugar a uma interpretação que joga com variações imaginativas, possibilitando novas formas do mundo e, conseqüentemente, novas formas de ser no mundo.

Tempo da narração-ficção: na qual o leitor começa a inventar, a contar, o que leu (QUAKNIN, 1996, p. 201-202).

Assim, de acordo com a citação, se na primeira etapa o mundo real é esquecido para que o mundo do texto surja com o seu sentido, destruindo toda lógica, na narração o sujeito retoma a ruptura com o real e procura reestruturá-lo, em função de um poder e querer-ser de outro modo.

“O jogo imaginativo e narrativo leva o leitor para uma temporalidade antecipadora e, assim, para um jogo pragmático. O poder de decidir e de escolher do leitor define a última etapa da leitura ‘o tempo de ação’” (QUAKNIN, 1996, p. 202).

É inegável que o interesse pela Biblioterapia está crescendo em ritmo acelerado, não importa se como ‘arte’ ou ‘ciência’. Assim, a Biblioterapia pode ser aplicada no campo correcional, na educação, na medicina, na psiquiatria e com os idosos.

- *No campo correcional*

No campo correlacional, a Biblioterapia visa à recuperação de jovens delinquentes e adultos criminosos que, em geral, tem problemas emocionais e de ordem social, cuja resolução pode ser auxiliada pela leitura.

Considera-se que o uso do livro provoca a diminuição da ansiedade, despertando novos interesses, canalizando a agressão para ações aceitas pela sociedade. Além de que, a leitura contribui na verbalização dos problemas.

Percebe-se através dos registros literários que várias experiências têm sido feitas com jovens e adultos, na esperança de solucionar problemas através de técnicas biblioteconômicas.

Segundo Caldin (2001), no Brasil, Hess, em 1982, aplicou a Biblioterapia em prisões como instrumento para a reeducação social do presidiário. A mesma considerou a técnica como um trabalho realizado em conjunto pelo bibliotecário, psicólogo e assistente social, aliando-a a terapia convencional do presídio, voltada para o trabalho e o lazer.

De acordo com Hasse (2004, *on line*), “a Biblioterapia tem sido aplicada desde o início do século XX, evoluindo na sua abordagem até nos dias atuais. O uso da técnica pode ser visto também em prisões [...] e com uma população bastante diversificada”.

- ***Na educação***

Para Raton (1975, p.208), “a leitura dirigida para crianças pode ser efetuada antes mesmo de sua alfabetização e criará condições preparatórias para o desenvolvimento do hábito de leitura”.

O livro vem sendo assim, utilizado como instrumento de apoio em crises de adolescentes e crianças com problemas especiais.

No Brasil, um trabalho pioneiro com a biblioterapia para deficientes visuais foi desenvolvido em João Pessoa por Pereira em 1996, que propôs a implantação de um programa de biblioterapia para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas, para auxiliar sua integração na sociedade (CALDIN, 2001, *on line*).

Ainda segundo Raton (1975, p. 205) “alguns professores fazem atualmente uso de livros não didáticos para desenvolver atitudes preparando o aluno para enfrentar os problemas da vida moderna.” Com as modificações nos métodos didáticos, impostas pela atualidade, os estudantes necessitam de realizar pesquisas, buscar informações, confrontar opiniões de diferentes autores. Acredita-se que o procedimento funcione como estímulo

para que o educando não acumule só conhecimentos de outros, mas que forme seu próprio patrimônio intelectual e saiba operar, comparar, criticar e utilizar o que aprendeu.

- *Na medicina*

Vasquez (1989, p. 40) conceitua biblioterapia como “o uso da leitura, basicamente imaginativa, com grupos de pessoas com problemas emocionais ou comportamentais”. Assim, o mesmo considera que tal clientela pode ou não participar voluntariamente.

Sabe-se que a aplicação deste tipo de Biblioterapia, geralmente é planejada e conduzida por um médico ou um bibliotecário, mas considera-se prudente, que tanto o médico como o bibliotecário se engaje na aplicação e condução dos trabalhos biblioterapêuticos. O ambiente para execução das atividades práticas poderá ser as dependências de uma instituição ou mesmo a própria comunidade. As metas alcançadas referem-se basicamente a uma mudança de comportamento.

Ainda de acordo com Vasquez (1989), em muitos países, a biblioteca é considerada elemento indispensável em hospitais. O uso da Biblioterapia é especialmente indicado para pacientes que deverão manter-se no leito por vasto período de tempo, sem exercerem qualquer atividade. A leitura pode ser usada na profilaxia, reabilitação e terapia propriamente dita.

Uma aplicação da Biblioterapia no Brasil foi encontrada na Clínica Médica do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, realizada por Seitz em 2000, dando enfoque à função da Biblioterapia como fonte de lazer e informação, e no processo de humanização do hospital, ou seja, na interação entre bibliotecário/paciente/enfermeiros e na socialização dos pacientes (CALDIN, 2001, *on line*).

Segundo Raton (1975, p. 206), “em alguns hospitais, a adaptação à vida hospitalar é auxiliada pela participação em grupos de leitura que visam promover o contato entre pacientes e proporcionar-lhes oportunidade de comunicação”.

O projeto Literatura Infantil e Medicina Pediátrica foi uma aproximação de integração humana implantado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, desenvolvido por formandos, coordenados e professoras do Curso de Letras da referida universidade. Este projeto tinha como objetivo desenvolver um trabalho de terapia por meio da leitura na

ala pediátrica de hospitais de Porto Alegre e de Joinville. Após análise deste projeto e constatou a eficácia da Biblioterapia no uso da literatura infantil como integradora no processo de cura que envolve corpo e mente. As histórias lidas às crianças enfermas resgatavam o sonho, o imaginário e o lúdico, fornecendo um suporte emocional e um alívio temporário das dores e dos medos decorrentes da doença e do ambiente hospitalar (CALDIN, 2001, *on line*).

Em síntese, na medicina, o uso do livro pode ser útil como fonte de recreação, ou para informação sobre tratamentos especiais ou cirurgias a que tenham que se submeter.

- ***Na psiquiatria***

Na psiquiatria os livros podem atuar como elemento auxiliador nas diversas fases. A biblioterapia é, então, aplicada com a finalidade de curar distúrbios psíquicos já instalados no indivíduo. Há casos em que o doente tem grande dificuldade de expressão e comunicação, exigindo um tratamento anterior à terapia propriamente dita.

As primeiras experiências com grupos de leitura nesse campo foram feitas com doentes mentais. São beneficiados também com este tipo de tratamento dependentes de drogas.

- ***Com idosos***

A Biblioterapia permite aos idosos uma preparação para a abordagem de temas considerados por eles proibidos. Também é usada para a diminuição da ansiedade, ajudando-os a aceitar suas novas condições de vida, mantendo-os em boas condições psicológicas.

O Projeto Renascer foi conduzido pela Universidade Federal do Ceará (UFC), através da Pró-Reitoria de Extensão e do Curso de Biblioteconomia, com o intuito de reforçar valores e dissipar o isolamento do idoso. O projeto no Lar Torres de Melo, em Fortaleza, foi um programa permanente de biblioterapia como recurso educacional e terapêutico. Fez uso da leitura e de outras atividades lúdicas como coadjuvante no tratamento das pessoas acometidas de doenças, em estados depressivos ou que passam muito tempo afastadas do lar e da família. Os resultados demonstram uma mudança comportamental significativa nos idosos do asilo, devido à melhora na situação psicológica e social (CALDIN, 2001, *on line*).

Alguns autores e pesquisadores sobre o assunto consideram o livro como o elemento mais indicado para proporcionar informações sobre o processo de envelhecimento, abordando os seus aspectos físicos, psicológicos e, sobretudo para esclarecimentos acerca dos problemas sexuais que os idosos não abordam espontaneamente com profissionais da área.

Em síntese, os objetivos da biblioterapia com idosos é o reajustamento ocupacional da velhice, atualização educacional, socialização e remotivação.

No Brasil, um trabalho com a Biblioterapia foi realizado com os idosos do Lar da Previdência Carneiro da Cunha, em João Pessoa, por Vasquez em. O objetivo foi despertar o prazer da leitura e melhorar o quadro psíquico e mental dessas pessoas através de um programa de leituras dirigidas de textos ficcionais, em sessões em grupo e individual. Os resultados mostraram uma diminuição da ansiedade e dos quadros de depressão nos residentes do asilo após as sessões de leitura dirigida (CALDIN, 2001, *on line*).

Vasquez (1989, p. 51) arrolou quatro metas a serem atingidas com a Biblioterapia, destinadas às pessoas com idade avançada:

Enriquecimento – estimular e enriquecer as pessoas para que não multipliquem os problemas da vida cotidiana. O idoso, mantendo contato com seus próprios sentimentos através das facilidades adequadas propiciadas pela Biblioterapia, pode vir a se entender melhor;

Visão interna do próprio ser – procura ajudar o participante a adquirir novas visões internas. Com isso, pode chegar à conclusão de que ele pode não ser o único que sofre uma determinada situação ou um problema específico;

Percepção – tem como finalidade aumentar a percepção das pessoas de seu grupo de relação. A experiência de estar num grupo de pessoas que estão se comunicando honestamente sobre seus sentimentos pessoais ou qualquer outro tipo que for levantado, é propiciar a cada um, a sua própria reação;

Sentir a realidade – busca engrandecer as visões internas do indivíduo para o mundo em seu redor, advertindo as pessoas para a realidade da situação da vida e ajudando-as a lidar com o que não pode ser mudado.

Acrescenta-se ainda que, os estudiosos, de maneira geral, argumentam que a prática biblioterapêutica pode proporcionar várias experiências ao leitor, ajudando-o a alcançar a compreensão emocional e intelectual, oferecer oportunidade para identificação e

compreensão, aumentar valores e reforçar os já existentes, pode, ainda, dissipar o isolamento, reforçar padrões culturais e comportamentais.

Mesmo sabendo que, a aplicação da Biblioterapia, tanto como arte quanto como ciência, tem aumentado continuamente, e esta sendo empregada em uma variedade de formas e por um grande número de pessoas, Hasse (2004) alerta pelo fato de que a Biblioterapia deve ser testada empiricamente para ajudar os praticantes e pacientes na avaliação de sua utilidade. A mesma cita que Marrs, em 1995, afirmou que 300 estudos, aproximadamente, foram realizados sobre a eficácia da Biblioterapia e que este identificou 70 estudos, os quais cobriam 10 diferentes categorias de problemas: ansiedade, assertividade, perda de peso, controle de impulsos, depressão, estudo, disfunção sexual, carreira, auto-conceito entre outros.

Ainda segundo Hasse (2004), existe um pequeno acordo entre os analisadores sobre para quais problemas a técnica é mais apropriada. Esta cita que, segundo Gould e Clum (1996) não encontraram diferença significativa entre a eficácia de auto-ajuda e intervenção assistida por um terapeuta. Além da eficácia, parece não haver significativa diferença na taxa de abandono da auto-ajuda e terapias assistidas por um terapeuta.

Assim, tanto Gould e Clum quanto Marrs descobriram que a Biblioterapia é diferencialmente eficiente entre tipos de problemas. Gould e Clum descobriram que a Biblioterapia é mais eficiente na redução do medo, dores de cabeça, depressão, e treinamento de habilidades, e menos eficiente para dieta e exercícios e hábitos de comportamento. Marrs descobriu que bons resultados são obtidos nos problemas com assertividade, ansiedade e disfunção sexual, e menos eficientes com perda de peso, problemas de estudo e hábitos de comportamento (HASSE, 2004).

4.1 Benefícios e limitações da biblioterapia

Ao se abordar o benefício da biblioterapia deve-se levar em consideração um aspecto relevante sobre a técnica: sua indicação como recurso psicoterapêutico não vale para todo paciente. Isso se dá pelo fato de que uma leitura de um texto significa às vezes não adequada para certos pacientes ou para todos. Acredita-se que, cada paciente apresenta uma circunstância e necessidades individuais.

A Biblioterapia oferece os seguintes benefícios: não constitui risco algum, desde que as narrativas sejam aceitas como intervenção e não intrusão, permitindo ao terapeuta chegar ao interior do paciente com mais facilidade; reduz o nível de resistência por parte do paciente das intervenções do terapeuta, tornando mais ágil o processo de mudança; identifica a idéia e a direção da mudança com uma imagem que permanece no indivíduo, tornando-se um novo recurso para o paciente; oferece novos modelos de flexibilidade, indicando outras possíveis repostas diante de situações similares vividas pelo paciente; promove a independência do paciente, assegurando sua participação no processo terapêutico ao inferir, descobrir ou concluir a mensagem do texto, chegando às suas próprias conclusões, e não às interpretações do terapeuta (PINTOS, 1999, p.25-26).

O condutor da leitura deve, no início, tentar enquadrar o paciente dentro da história lida, tentando estabelecer relação entre a história lida e o que a mesma transmite por caminhos que na vida real tal paciente, talvez, não transitasse. Adotado este procedimento, oportuniza-se a possibilidade do paciente-leitor descobrir na história lida o caminho de sua história pessoal.

Segundo Pintos (1999, p. 36), “a Biblioterapia se apresenta como uma espécie de ‘desreflexão’, já que permite que o paciente focalize sua atenção na situação de outro, que logo internaliza como ‘já experimentada’”.

Vale ressaltar que, a perspectiva terapêutica na avaliação do livro nunca pode ser a mesma da crítica literária, pois a técnica biblioterápica admite qualquer que seja uma palavra escrita, que venha cumprir a função proposta.

Para que o livro/texto cause o impacto desejado no paciente, o terapeuta necessita avaliar a obra na perspectiva do paciente, e, a partir daí, decidir se tal texto é oportuno ou conveniente para as circunstâncias e na sua situação atual e se corresponde ao objetivo terapêutico (HASSE, 2004, *on line*).

Um outro aspecto, quanto à validade da técnica, é em relação à eficácia do texto. O condutor da leitura deve estar familiarizado com a literatura que deseja usar e ter consciência da extensão e complexidade do texto. O texto deve ser aplicado ao problema que o paciente está enfrentando. Em poucas palavras, a habilidade de leitura do paciente deve ser conhecida pelo condutor da leitura, assim como sua idade emocional e cronológica.

Antes de utilizar a Biblioterapia, o terapeuta deve ter em mente que ela não é uma recomendação casual de certo texto para um indivíduo, mas uma ação deliberada que requer planejamento cuidadoso. Ela deve ser conduzida com grande delicadeza, e nem todo terapeuta possui qualificações pessoais para ser um facilitador do processo. Usar a leitura de um texto para 'acionar a catarse emocional' pode ser uma atitude de risco, caso o terapeuta não esteja preparado para lidar com os aspectos emocionais que dela possam resultar (HASSE, 2004, *on line*).

A eficácia da técnica, contudo, pode ser limitada pela disponibilidade de textos em certos tópicos, assim como a não capacidade ou o não desejo do paciente para ler/ouvir textos.

Após, capítulos anteriores estabelecidas definições de biblioterapia, abordado os conceitos de leitura e de leitura terapêutica e apontado os fundamentos do processo e aplicação da biblioterapia, o capítulo seguinte reserva-se para a caracterização de Ana Cristina César, dentro da literatura.

5 ANA CRISTINA CESAR

Ana Cristina Cruz César, nasceu no Rio de Janeiro em 2 de junho de 1952, tendo, desde cedo, demonstrado talento e gosto pela arte de escrever. Começou escrever ainda criança - antes mesmo de ser alfabetizada, aos 4 anos, ditava poemas para que a mãe os escrevesse. A escrita sempre lhe dominou a vida. Já em 1959, tinha as primeiras poesias publicadas no “Suplemento Literário” da *Tribuna da Imprensa*.

Começa a publicar poemas e textos de prosa poética na década de 1970 em coletâneas, revistas e jornais alternativos. Seus primeiros livros, *Cenas de Abril* e *Correspondência Completa*, são lançados em edições independentes. Ana C. já começa a mostrar fortes sinais de um temperamento melancólico e reservado, ainda que intempestivo (WIKIPÉDIA, 2006, *on line*).

Foi licenciada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1975, obtendo o grau de Mestre em Comunicação, pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1979 e *Master of Arts in Theory and Practice of Literary Translation*, pela *Essex University*, na Inglaterra em 1980.



FIGURA 1 Ana Cristina César
Fonte: Machado, 2000.

O Itaú Cultural (2001) publicou uma cronologia a respeito de sua formação:

- 1954/1963 - Rio de Janeiro RJ – Curso primário no Colégio Bennett;
- 1967 - Rio de Janeiro RJ - Conclusão do curso ginásial no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti;
- 1969/1970 - Londres (Inglaterra) – Estudos no Richmond School for Girls pelo programa de intercâmbio da Juventude Cristã;
- 1971 - Rio de Janeiro RJ – Conclusão do curso clássico no Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia;
- 1971/1975 - Rio de Janeiro RJ – Licenciatura em Letras (Português - Literatura) pela PUC/RJ;
- 1979 - Rio de Janeiro RJ – Mestrado em Comunicação pela Escola de Comunicação da Universidade do Rio de Janeiro;
- 1980 - Londres (Inglaterra) – Título de *Master of Arts in Theory and Practice of Literary Translation* (com distinção) pela Universidade de Essex.

Ana Cristina gostava profundamente de escrever. Além de suas inúmeras poesias e cartas, escreveu para diversos jornais e revistas e traduziu diversos autores estrangeiros. Entre esses autores, inclui-se a poetisa americana, *Sylvia Plath*, que da mesma forma que Ana Cristina faria mais tarde, colocou fim à sua vida.

[...] Ana Cristina é ela mesma. E, enquanto tal, não somente surpreende: desconcerta. (...) Língua afiada e ferina, a de Ana Cristina, que com humor ferocíssimo, sequer a si mesma se poupa [...] A autora se despe ao nível de um confessionalismo que beira às vezes a afronta aos cânones comportamentais da pequena-burguesia. Poderão argüir alguns que essa linguagem nada tem a ver com poesia. Engano. Tem, sim. E tem, sobretudo porque, exatamente no plano da linguagem –, são estes os vetores que mais vêm colaborando para a definitiva estratificação de uma poética feminina (não necessariamente feminista) cujo objetivo é integrar a mulher na ordem social de nossos dias (JUNQUEIRA, 1979, *on line*).

Também, de como Junqueira (1979), mais tarde Moises (1985, *on line*) fala sobre Ana Cristina César:

Sua obra, apesar de breve e fragmentária, está longe de demonstrar, pela literatura, o interesse diletante ou o modismo exibicionista, de muitos poetas de sua geração. Sua apurada consciência artesanal e o à-vontade com que manipula uma complexa rede de alusões e referências literárias mostram que levava a literatura talvez muito a sério, uma seriedade que certo humor amargo e ferino só faz acentuar. Lúcida, ela sabe que empenhar-se a fundo na criação literária traduz uma forma de paixão cujo destino primeiro poderia ou deveria ser a própria vida [...] Toda obra de Ana Cristina é fortemente autobiográfica, não enquanto relato de uma vida, mas enquanto análise impiedosa e radical da impossibilidade de viver a vida plena que sua sensibilidade pedia [...] (MOISÉS, 1985, *on line*).

Ana Cristina morreu em 29 de outubro de 1983 e, com certeza, pela sua juventude e beleza, pelo conteúdo e forma de sua obra, pela interrupção brusca de sua vida e do seu talento, tornou-se símbolo e ícone. Quando a vida segue o seu curso normal, as pessoas têm tempo de se preparar para a passagem daqueles que, de alguma forma, têm parte ou influência em suas vidas. Isso não acontece, em casos como o de Ana Cristina, onde a ruptura abrupta sempre deixa o único recurso de uma saudade brutal ou de uma veneração desmedida.

De qualquer forma é importante a noção, e o consolo, de que as pessoas se perpetuam, nos corações e nas almas, pelo que deixam, na forma de obras materiais, como é o caso de Ana Cristina, ou através das lembranças de atitudes, palavras ou gestos, que podem fazer melhor a vida dos que ficaram.

Conforme mencionado, escreveu para diversos jornais e revistas. Além disso, fez parte da antologia *26 poetas hoje*, publicada em 1976. Em edições independentes, publicou *Luvás e Pelica*, *Cenas de Abril* e *Correspondência Completa*, além de *Literatura não é Documento*, uma pesquisa sobre a literatura no cinema.

Para Queiroz (2002, *on line*),

vários livros seus são póstumos e o interesse por ela cresceu no bojo das leituras críticas feministas, recorrentes a partir do final dos anos noventa. A sedução que a obra de ACC exerce sobre seu público advém não apenas das qualidades inegáveis de uma forte e sofisticada lírica, a despeito do tom coloquial, mas também do cruzamento de fatores que conferem à obra um surplus de significação, a saber, o próprio evento do suicídio, que canaliza em quem se aproxima de seus textos uma vocação irresistível para investigar as pistas que possam explicar o trágico desfecho.

Acredita-se que os aspectos da vida privada na obra, sob forma de uma sexualidade e eroticidade explicitamente tematizadas no feminino, em primeira pessoa e com referências a personagens reais, se expressa numa lírica coloquial. Tal fato confere à obra da autora singularidade única, em termos de qualidade e de atualidade. Ana Cristina César bancava uma tortuosa discussão sobre o papel das mulheres, acompanhando, não sem ironia, os estudos de gênero que então despontavam na Europa, investigando no feminino sem ser feminista, ela defendia que literatura tem gênero, o que só reafirmou em seu trabalho.

Tendo em vista as circunstâncias de sua morte e o fato de Ana Cristina ter deixado uma série de documentos, tais como cartas, poesia, diários, traduções, desenhos e testemunhos, seus livros foram reagrupados e republicados, como foram também publicados outros documentos inéditos.

Segundo Eliot (1997, p.43),

Ana C. pensou sua poesia, pensou literatura, fez crítica, estudou tradução e, como podemos notar no conjunto de seus escritos, isso tudo participava, e muito, da sua criação literária. Em seus ensaios e artigos críticos encontramos uma teórica bastante consistente, levantando questões que nos parecem fundamentais para a leitura de seus próprios textos.

De acordo com o autor, todo poeta ao criar coloca em ação sua habilidade crítica, avalia seus procedimentos, estabelece parâmetros, faz comparações, aciona seu conhecimento histórico, literário. Esse exercício crítico era consciente para Ana Cristina César, que, após concluir o Mestrado em Comunicação, embarcou para a Inglaterra para um curso de tradução literária onde viu a oportunidade de estudar teoria.

Como reza o senso comum, a respeito de Ana Cristina César, seus textos literários são percebidos como relatos e confidências, em forma, às vezes, de diários e de correspondências.

Em *Correspondência Incompleta* a poeta Ana Cristina César extrai o sublime do prosaico e fala sobre a perplexidade de estar viva. Segundo Bueno (2002, *on line*),

são 93 cartas, compreendendo um período que vai de 1976 a 1980, endereçadas a quatro das mais íntimas amigas da poeta: Clara Alvim, Heloísa Buarque de Hollanda, Cecília Londres e Ana Cândida Perez. Anotações do cotidiano, o diário de uma vida voltada em exclusivo para a literatura, ainda que de um modo quase displicente, ao contrário do que espelha – de novo a inevitável comparação – a epistologem de Leminski a

Régis Bonvicino, onde a vida da escrita é uma usina de tormentosa ebulição.

A idéia de reunir em um livro algumas cartas de Ana Cristina César para publicação partiu de seu amigo Armando de Freitas Filho, através de uma certeza: a de que seria interessante mostrar, em estado original, uma das principais matrizes de sua criação literária. O critério usado para a fixação dos textos foi o do bom senso. Foram cortados apenas os trechos que, segundo o ponto de vista das destinatárias, pudessem causar constrangimento para as pessoas citadas – quatro ex-professoras, todas mais velhas que ela, amigas a quem amava intensamente e, principalmente, mulheres, com o compromisso, visível aquele tempo, de fazer desta condição, mais que gênero, ofício e arte, as cartas de agora neste sentido não surpreendem (PIRES, 1999).

A capa de *Correspondência Incompleta* é mostrada na Figura 2.

FIGURA 2 Capa de *Correspondência Incompleta*



Fonte: Itaú Cultural, 2001

A obra é o resultado de um retrato complexo, formado por muitas idéias, poesia, inúmeras idiossincrasias, confissões e banalidades. O período coberto pelas cartas é, por diversos motivos, decisivo para Ana Cristina César.

Cada carta é um poema de Ana Cristina César, tocados todos de um "sentimento", forte o bastante para fazer brotar, no canto do olho, mesmo do leitor mais distraído, uma furtiva lágrima, sobretudo face ao encanto, este poroso encanto capaz, só ele, de dar notícia do ido e do vivido; do

aziago da vida sim; mas, tanta vez, também do seu mel. Retalhos nostálgicos, notícias de ontem, o que estas cartas falam ninguém poderia falar com mais propriedade senão ela própria, Ana C., a cavalo de seu mito e de sua "mitologia" pessoal, na vivência minuciosa dos "anos loucos" onde oscilávamos entre comprar ou não um revólver para os momentos de pânico. Errar de cálculo, este tempo, se mostrou sempre fatal. Ana C., por um descuido, se enganou de pulso e de impulso e se atirou do oitavo andar do edifício feito o tropeço lúdico dentro de um sonho, ou de um pesadelo, do qual invariavelmente acordamos. Acontece que Ana C. não acordou mais. Para se tornar, daí em diante, o mito incurável de uma lenda sem-fim (BUENO, 2002, *on line*).

Críticos consideram que nas 93 cartas de *Correspondência Incompleta*, Ana Cristina César consegue arrancar do prosaico o mais sublime, pois, extraem da superfície maleável das coisas e de sua gratuidade muitas vezes enganosa, significâncias supremas e transcendências.

A publicação da *Correspondência Incompleta* da poetisa Ana Cristina César (1952-1983) vem comprovar o que seus leitores mais perspicazes certamente já tinham notado: a poesia de Ana C., como assinava, era sua correspondência com o mundo. Seus poemas – breves, tantas vezes telegráficos, outras vezes taquicárdicos, urbanos e elétricos como se de um Álvaro de Campos de fim de século – seduzem o leitor por sua linguagem direta, convidando à intimidade: como numa carta (FOLHA DE SÃO PAULO, 1999, *on line*).

A extensa obra póstuma de Ana Cristina César é acompanhada sempre de fotografias que caracterizam a autora como um mito romântico da poesia brasileira contemporânea. A Figura 3, por exemplo, mostra a poeta em pose como mulher fatal.

FIGURA 3 Ana Cristina César em Paris



Fonte: Itaú Cultural, 2001

Se em cada uma das fotografias que ilustram *Correspondência Incompleta* Ana Cristina César parece ser uma mulher diferente, da menina alegre em viagem de férias ao clima *dark* de uma de suas últimas fotos (Figura 3), que encerra o volume, o mesmo acontecia nos textos. Assim, acredita-se ser possível enxergar, pelo menos, quatro *personas* distintas, que variam principalmente de acordo com suas destinatárias numa espécie de jogo de esconde-esconde.

O trabalho poético de Ana Cristina é um dos lugares principais do novo discurso poético, que funda a produção e a leitura do fragmento, a recolha do lugar-comum e a incompletude estética como resultado da sinceridade confessional. Assim, o dado novo na poesia de Cristina está no coloquialismo, numa escrita que não quer ser literatura. O certo é que a autora tornou-se o nome mais forte entre todos os identificados com a poesia marginal (MACHADO, 2000).

Foi considerada como uma das principais poetisas da geração “mimeografa”, caracterizada pela linguagem coloquial e por tematizar no cotidiano situações femininas bem humoradas mostrando a melancolia e a impossibilidade de viver.

O Itaú Cultural (2000) publicou uma cronologia de suas atividades literárias/culturais:

- 1971/1973 - Rio de Janeiro RJ – Professora de Português, na Paróquia do Catumbi e Curso Guimarães Rosa, e de Língua Inglesa, no Instituto de Cultura Anglo-Brasileira e na Cultura Inglesa;
- 1972/1973 – Maranhão, Bahia, Pernambuco e Ceará - Pesquisadora do Cenpla;
- 1974 - Rio de Janeiro RJ – Monitora de cadeira de Teoria da Literatura I, no Departamento de Letras da PUC/RJ;
- 1975/1977 - Rio de Janeiro RJ e São Paulo SP – Consultora do Conselho Editorial da Editora Labor. Colaboradora dos jornais Opinião, Jornal do Brasil, Beijo, Correio Brasiliense, Versus e Folha de S. Paulo; das revistas Malasartes, Almanaque e Alguma Poesia. Resenhista de livros para as revistas Veja, IstoÉ e Leia Livros;
- 1975/1978 - Rio de Janeiro RJ – Tradutora de obras de A. J. Greimas, Alberto Cousté e Katherine Mansfield;

- 1976 - Rio de Janeiro RJ – Publicação dos poemas "Simulacro de uma Solidão", "Flores do Mais", "Psicografia", "Arpejos", "Algazarra" e "Jornal Íntimo" na antologia 26 Poetas Hoje, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda;
- 1976/1979 - Rio de Janeiro RJ – Professora de Português e Literatura Brasileira, no Instituto Souza Leão e no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti;
- 1980 - Rio de Janeiro RJ – Publicação de Literatura não é Documento;
- 1981 - Rio de Janeiro RJ – Analista de textos do Departamento de Análise e Pesquisa da Rede Globo;
- 1985 - São Paulo SP – Publicação póstuma de Escritos da Inglaterra;
- 1993 - São Paulo SP – Publicação póstuma de Escritos do Rio;
- 1999 - Rio de Janeiro RJ – Publicação póstuma de Correspondência Incompleta de Ana Cristina César, organizado por Armando Freitas Filho e Heloísa Buarque de Hollanda;
- 1999 - São Paulo SP – Publicação póstuma de Crítica e Tradução, organizado por Armando Freitas Filho.

6 ESTUDO DE CASO: A BIBLIOTERAPIA E AS CARTAS DE ANA CRISTINA CÉSAR

O estudo de caso está organizado em partes, onde primeiramente descreve-se a metodologia adotada – tipo e instrumento de pesquisa; posteriormente apresenta-se a caracterização da amostra pesquisada e, finalmente, os resultados obtidos sobre o estudo do poder terapêutico da cartas de Ana Cristina César.

6.1 Metodologia

Para o presente estudo optou-se pela pesquisa de campo.

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir fenômenos ou as relações entre eles (MARKONI e LAKATOS, 2002, p.53).

A pesquisa de campo estuda um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação entre seus componentes. Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros (GIL, 2002).

Este tipo de pesquisa, assim como qualquer outro, apresenta vantagens e desvantagens. Quanto às vantagens, ressalta Gil (2002) que o planejamento do estudo de campo apresenta maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo da pesquisa. Considera-se também, que este estudo ofereça maior confiabilidade nas respostas, pelo fato de ser um tipo de pesquisa onde o pesquisador apresenta nível maior de participação. Em relação às desvantagens, este tipo de pesquisa

requer muito mais tempo, pois na maioria das vezes, os dados são coletados por um único pesquisador.

Trujillo (1982, citado por MARCONI e LAKATOS, 2002) atenta para a pesquisa de campo propriamente dita não de ser confundida com a simples coleta de dados; é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado.

As fases da pesquisa de campo requerem, em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Ela servirá como primeiro passo, para se saber em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto; como segundo passo, permitirá que se estabeleça um modelo teórico inicial de referência e elaboração do plano geral da pesquisa. Em segundo lugar, de acordo com a natureza da pesquisa, devem-se determinar as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na determinação da amostra (GIL, 2002).

Para Yin (2001, p. 27), o estudo de caso “é a estratégia de pesquisa escolhida para se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes”, ou seja, quando o pesquisador não possui controle sobre os eventos e quando o foco da pesquisa se encontra em fenômenos contemporâneos.

Nesse sentido, o presente trabalho, por tratar-se de um assunto em demanda em que o pesquisador não possui influência direta sobre o resultado do fenômeno, o método escolhido foi o estudo de caso com características descritivas. Seu objetivo foi o de descrever, conforme os objetivos de pesquisa as contribuições da biblioterapia.

Os estudos descritivos exigem do pesquisador uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar. O estudo descritivo pretende descrever ‘com exatidão’ os fatos e fenômenos de determinada realidade, caracterizando-se por um estudo de caso, que, segundo Triviños (1995, p.133) “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente”.

Quanto à estratégia de estudo de caso, na qual a análise do estudo é feita a partir da exploração de um caso individual, o mesmo sustenta que é possível adquirir conhecimento adequado de um fenômeno com uma exploração intensa de um único caso. Assim, a estratégia de estudo de caso objetiva a análise de um ou poucos objetos, sendo caracterizada pela intensidade do enfoque, havendo grande esforço para detalhar da melhor maneira possível o que está sendo estudado. No presente trabalho, estuda-se especificamente as cartas de Ana Cristina César.

De acordo com Yin (2001, p.21), “o estudo de caso permite uma investigação para se preservarem as características holísticas e significativas dos eventos individuais, processos organizacionais e administrativos”.

Yin (2001) classifica o estudo de caso como mais uma estratégia de pesquisa que visa os estudos sociais e que, ao contrário de outras estratégias, não se caracteriza por possuir uma técnica específica de pesquisa, mas, sim, por um meio de organizar dados que privilegia as questões do tipo ‘como’ e ‘por quê’, que podem ser aplicadas para uma estratégia de estudo de caso a partir de uma infinidade de situações. Essas situações incluem: a explicação das ligações causais em intervenções ou situações da vida real que são complexas demais para tratamento através de estratégias experimentais ou de levantamento de dados; a descrição um contexto de vida real no qual uma intervenção ocorreu; a avaliação de uma intervenção em curso e modificá-la, com base em um estudo de caso ilustrativo e; a exploração daquelas situações na qual a intervenção não tem clareza no conjunto de resultados.

Sendo o estudo de caso um método de pesquisa das ciências sociais e, como outros métodos, possui as suas vantagens e desvantagens, que devem ser analisadas individualmente, Yin (2001, p. 20) afirma que: “os estudos de caso estão sendo cada vez mais utilizados como ferramenta de pesquisa [...] na psicologia, na sociologia, na ciência política, no trabalho social [...]”

Segundo Yin (2001, p.23), o estudo de caso é:

uma forma de se fazer pesquisa empírica que investiga fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto de vida real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas, onde se utiliza múltiplas fontes de evidência.

A divergência e os conflitos, característicos da situação social, devem estar presentes (YIN, 2001).

No estudo de caso, o pesquisador geralmente utiliza uma variedade de dados coletados em diferentes momentos, por meio de variadas fontes de informação. Tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista. Produz relatórios que apresentam um estilo mais informal, narrativo, ilustrado com citações, exemplos e descrições fornecidos pelos sujeitos, podendo ainda utilizar fotos, desenhos, colagens ou

qualquer outro tipo de material que o auxilie na transmissão do caso (CAMPOMAR, 1991).

Geralmente, a técnica utilizada para investigação em um estudo de caso é a entrevista semi-estruturada que se realiza com objeto de relevo social. Para o presente estudo a mesma (ANEXO 1) estruturou-se em 3 etapas, sendo elas: (1) caracterização da amostra conforme sexo e idade; (2) identificação sobre os hábitos de leitura da amostra e; (3) estudo dirigido sobre uma carta de Ana Cristina César.

Antes da entrevista apresentou-se para os alunos a pessoa de Ana Cristina César. Contou-se aos alunos um pouco de sua história: quem era e o que fazia, onde morava, dentre outros fatos. Ao retratar sobre seu suicídio precoce, falou-se sobre a depressão da autora, sobre sua carência afetiva e sobre os apelos que sempre fazia usando as cartas como instrumento para tal. Para a sensibilização da amostra, em relação a este fato, também se utilizou de uma história desenhada por ela aos 9 anos de idade (ANEXO 2).

6.2 Caracterização da amostra da pesquisa

O tratamento estatístico no estudo de caso é simples quando a análise é qualitativa, mas a análise qualitativa pode ter apoio quantitativo, que geralmente se omite a análise estatística ou o seu emprego não sofisticado.

No estudo de caso, os resultados são válidos só para o caso que se estuda. Não se pode generalizar o resultado atingido no estudo de um hospital, por exemplo, a outros hospitais. Mas aqui está o grande valor do estudo de caso: fornecer o conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada que os resultados atingidos podem permitir e formular hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas (TRIVIÑOS, 1995, p.134).

A amostra pode assumir várias características, de acordo com a forma pela qual ela é escolhida (AAKER, KUMAR e DAY, 2001). Assim, dispensando uma fórmula estatística para determinação da amostra, optou-se por realizar a pesquisa de campo com um total de 41 sujeitos entrevistados.

De acordo com as indagações propostas na entrevista, nem todas admitem a resposta em termos de porcentagens, sendo necessário, de acordo com algumas delas, o trabalho com a quantidade expressa em números. Porém ressalta-se que a prioridade foi,

sempre que possível trabalhar com porcentagens. Tal procedimento se justifica na flexibilidade permitida, conforme a metodologia de pesquisa adotada.

A Figura 4 caracteriza a amostra quanto ao sexo e, de acordo com a mesma percebe-se que somente 24% dela é formada por entrevistados do sexo masculino e, grande parte, 76% formada por entrevistados do sexo feminino.

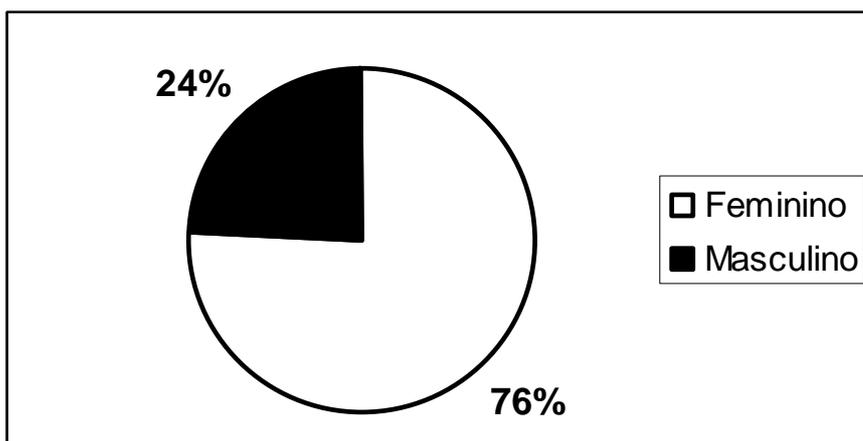


FIGURA 4 Caracterização da amostra quanto ao sexo
Fonte: Resultados dos dados coletados pela autora

A Figura 5 caracteriza a amostra quanto à faixa etária. De acordo com a mesma percebe-se certa heterogeneidade: 41% dela é composta por entrevistados na faixa etária compreendida entre 20 e 29anos; 32% por entrevistados entre 30 e 39anos; 22% por pessoas entre 40 e 49 anos e; somente 5% é composta por entrevistados com 50 anos ou mais.

A Figura 6 apresenta o resultado da preferência dos gêneros literários, segundo a amostra. Ressalta-se que para a questão foi permitida a escolha de mais de um gênero. Percebe-se que os gêneros mais assinalados foram romance e auto-ajuda, seguidos de filosófico e cartas. Os gêneros menos mencionados horror e policial.

Faz-se necessário aqui atentar para o fato de que o gênero ficção não foi mencionado por muitos entrevistados. Alerta-se que, segundo Hasse (2004) os livros usados para promover a técnica da biblioterapia podem ser de ficção.

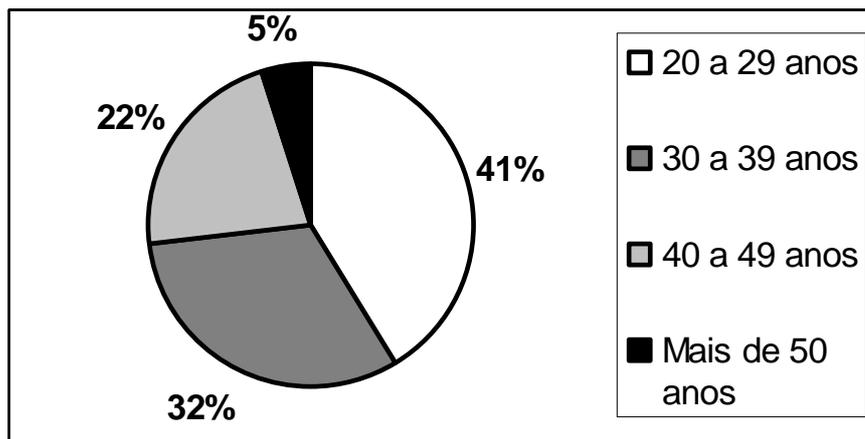


FIGURA 5 Caracterização da amostra quanto à idade
 Fonte: Resultados dos dados coletados pela autora

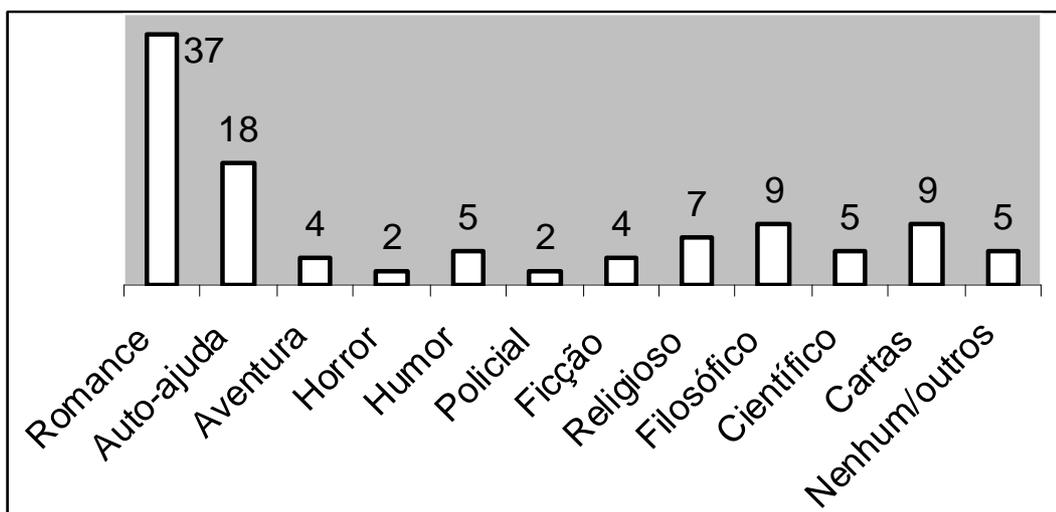


FIGURA 6 Gênero que estabelece relação com a Literatura, segundo a amostra entrevistada
 Fonte: Resultados dos dados coletados pela autora

A Figura 7 aponta os motivos pelos quais os entrevistados estabelecem relações aos gêneros escolhidos. Acrescenta-se, também, que para esta questão foi admitida mais de uma resposta por entrevistado. De acordo com a mesma os motivos mais selecionados foram, respectivamente: gosto pessoal, interesse terapêutico, por indicação de amigos ou professores e pela qualidade da leitura. O item menos assinalado pelos entrevistados foi pelo motivo de fácil acesso ou preço acessível.

A Figura 8 aponta a média de livros lidos, por trimestre, pela amostra entrevistada. Assim, 72% declararam ler somente 1 livro; 12% admitiram ler, em média, 3 livros;

igualmente 7% da amostra declararam ler 2 livros e não ler livro algum e; 2% declararam ler 4 livros ou mais.

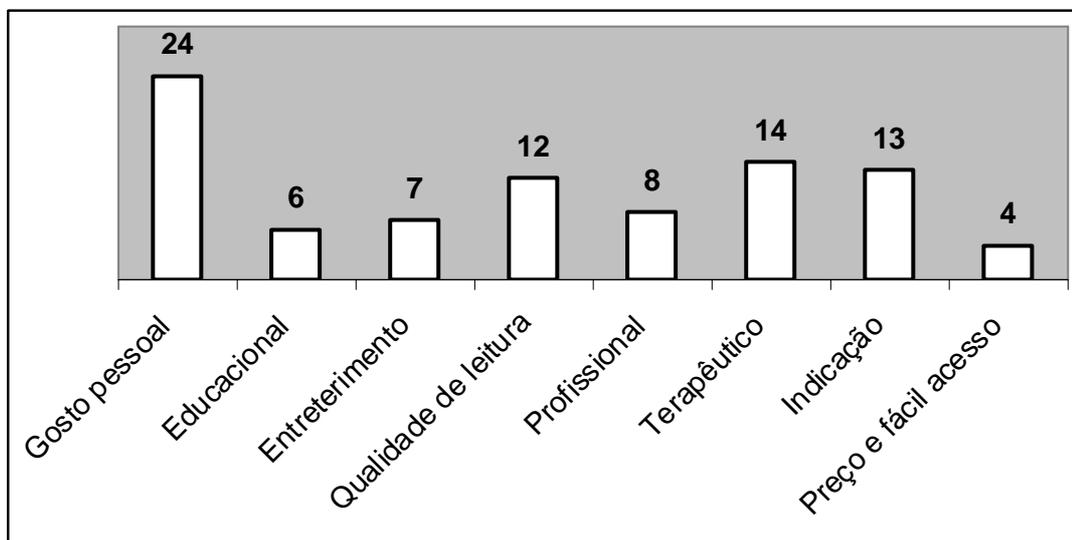


FIGURA 7 Motivos para escolha do gênero relacionado, segundo a amostra entrevistada
 Fonte: Resultados dos dados coletados pela autora

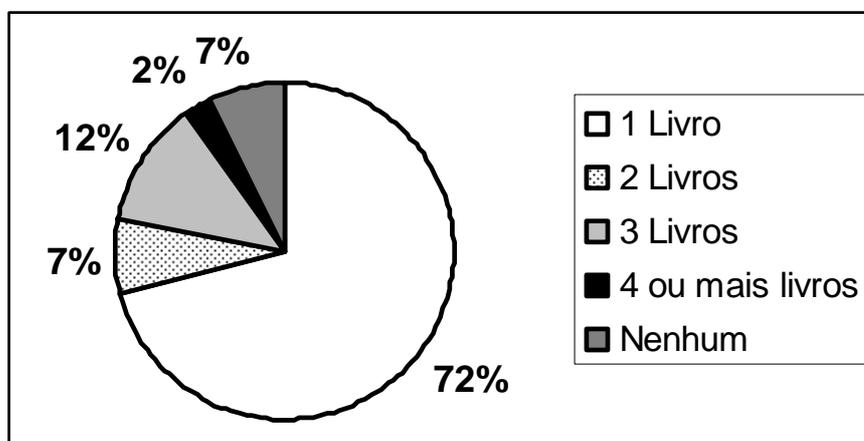


FIGURA 8 Média de livros lidos no trimestre pela amostra entrevistada
 Fonte: Resultados dos dados coletados pela autora

Já a Figura 9 apresenta o resultado sobre a importância atribuída à leitura conforme a amostra pesquisada. Percebe-se que 52% consideram a leitura muito importante; 41%, imprescindível e; 7% frisa ser a leitura pouco importante.

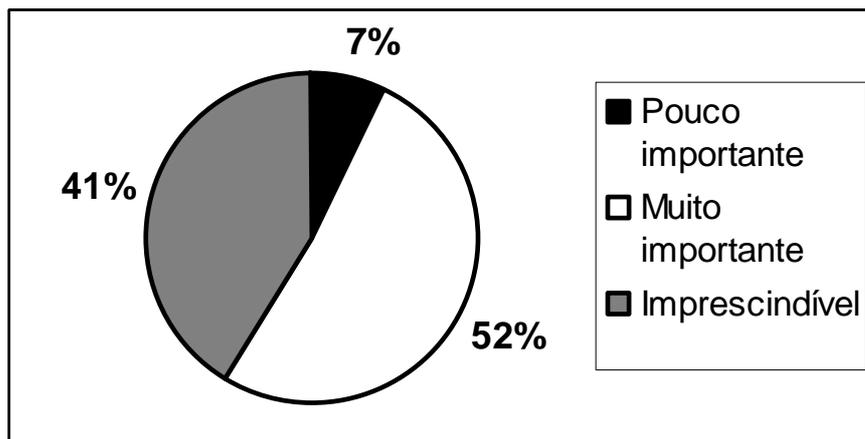


FIGURA 9 Grau de importância atribuído à leitura pela amostra entrevistada
 Fonte: Resultados dos dados coletados pela autora

Quando questionada sobre a postura a ser adotada diante de uma instabilidade econômica, a Figura 10 mostra que 41% da amostra lêem livros emprestados; 34% lêem através da internet; 15 visitam a biblioteca pública e 10% da amostra declarou que deixa de ler.

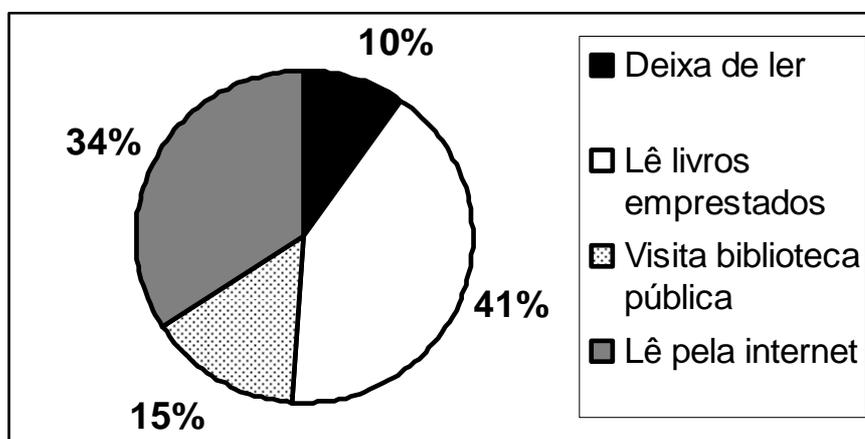


FIGURA 10 Atitude da amostra entrevistada, em relação à leitura, mediante instabilidade financeira
 Fonte: Resultados dos dados coletados pela autora

Foi indagado à amostra entrevistada sobre os gêneros literários mais lidos – gêneros de preferência para leitura – e sobre os gêneros literários menos lidos – gêneros que nunca são lidos ou preferidos pela amostra.

A Figura 11 destaca os gêneros mais lidos e preferidos, sendo eles: auto-ajuda, romance, filosófico e religioso. Ressalta-se que para esta questão foi permitida a escolha de mais de um gênero literário.

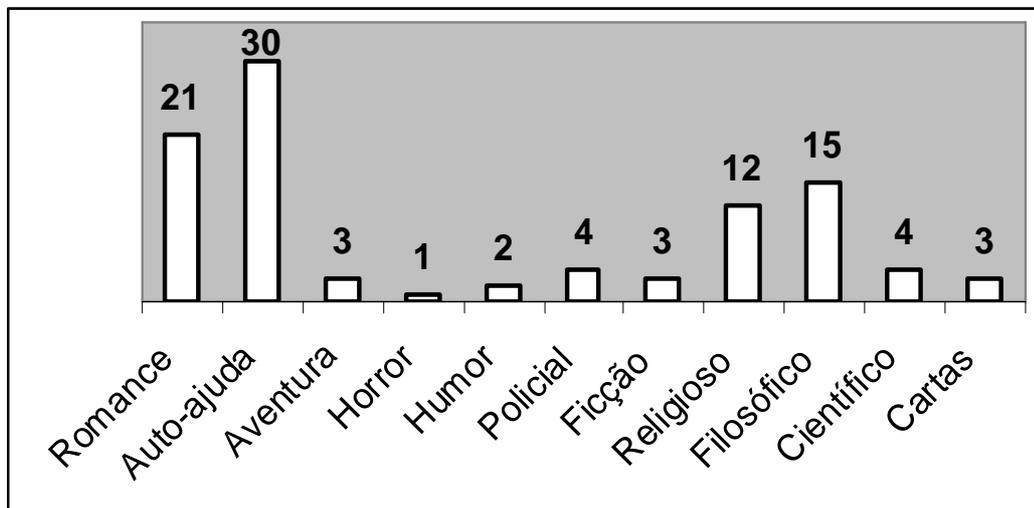


FIGURA 11 Gêneros de leitura mais lidos pela amostra entrevistada
Fonte: Resultados dos dados coletados pela autora

A Figura 12 destaca os gêneros menos lidos e menos preferidos pela amostra entrevistada, sendo eles: científico, horror, ficção, romance e cartas. Ressalta-se que, também, para esta questão foi permitida a escolha de mais de um gênero literário.

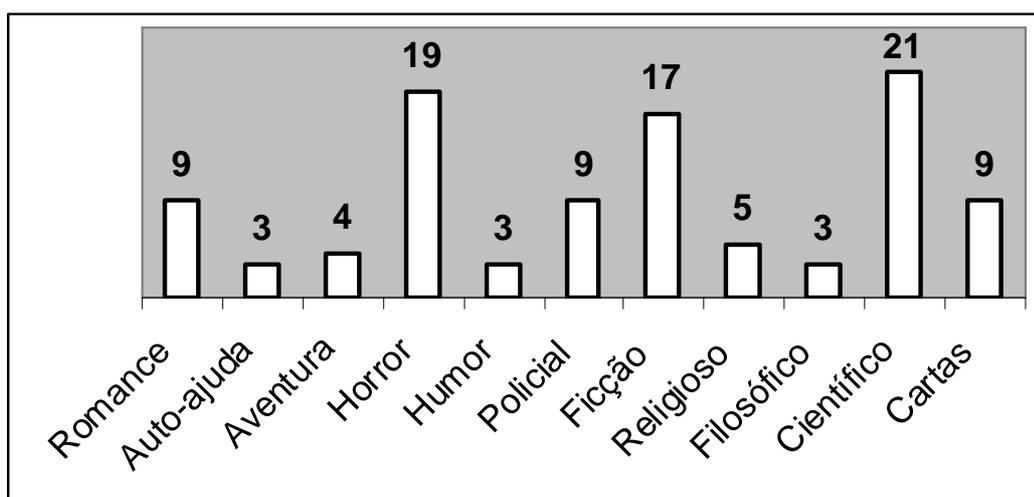


FIGURA 12 Gêneros de leitura menos lidos pela amostra entrevistada
Fonte: Resultados dos dados coletados pela autora

Assim, após a pesquisa para caracterização da amostra entrevistada conclui-se que:

- é formada em grande parte por entrevistados do sexo feminino, estando na faixa etária entre 20 e 40 anos;
- estabelece relação de Literatura com os gêneros de romance e auto-ajuda e cita que os motivos da escolha de tais gêneros são em funções do gosto pessoal, interesse terapêutico, por indicação de amigos ou professores e pela qualidade da leitura;
- lê em média somente 1 livro a cada trimestre, apesar de considerar a leitura muito importante;
- diante de instabilidades financeiras lê livros emprestados ou utiliza a internet para tal;
- quando lê, dá preferência aos gêneros auto-ajuda, romance e filosófico, mas nunca lê os gêneros científico, horror e ficção.

6.3 Sobre a carta de Ana Cristina César

Ana Cristina César é proprietária de belo trabalho de escrita íntima – cartas endereçadas a três amigas e, por coincidência, três ex-professoras.

A carta escolhida para estudo faz parte do livro *Correspondência Incompleta*, organizado por Hollanda e Freitas Filho e publicado no ano de 1999, encontrando-se na página 76 do mesmo.

Considerando as cartas de Ana Cristina de difícil leitura, sedo em sua maioria, prolixas e com termos em inglês, o critério de escolha adotado baseou-se no de fácil entendimento diante dos problemas afetivos do cotidiano comum a muitas pessoas. A carta em questão revela em seu conteúdo, crises existenciais inerentes ao ser humano.

Durante a leitura da carta percebeu-se que os leitores mais experientes se identificaram mais. Considera-se que isso se deva não pela questão da idade e sim pelo fato do amadurecimento psicológico e emocional.

De acordo com a literatura pesquisada, sabe-se que as cartas de Ana Cristina César vão construindo parte de sua história, a partir de seu próprio interior. Não há representação de sua história, mas a sua própria história de maneira inédita e transparente. Encontra-se embutida, nas mesmas uma ficção, um real limitado, além da liberdade de se poder dizer e inventar tudo, criando a realidade que se quer. Tal apontamento pode ser confirmado no depoimento de uma das entrevistadas:

Eu achei a carta um pouco confusa, há momentos em que não sei se ela fala dela ou da amiga. Mas entendi que Ana estava em conflito com ela mesma, se sentindo rejeitada, de mal com a vida, sua auto-estima muito baixa, pois estava ferida, preocupada com a solidão (L.T. C, sexo feminino, 20-29 anos).

Para Ana Cristina a linguagem poética não pretende dizer ‘algo’ e o fazer literatura não significa ‘comunicar’ ou passar qualquer tipo de informação. Assim, eis um ponto importante para a autora: a poesia revela sem se comunicar.

De acordo com a Figura 13, percebe-se que 73% da amostra consideraram confusa a forma da escrita de Ana Cristina na carta; 17% consideraram inteligível e 10% admite ser organizada.

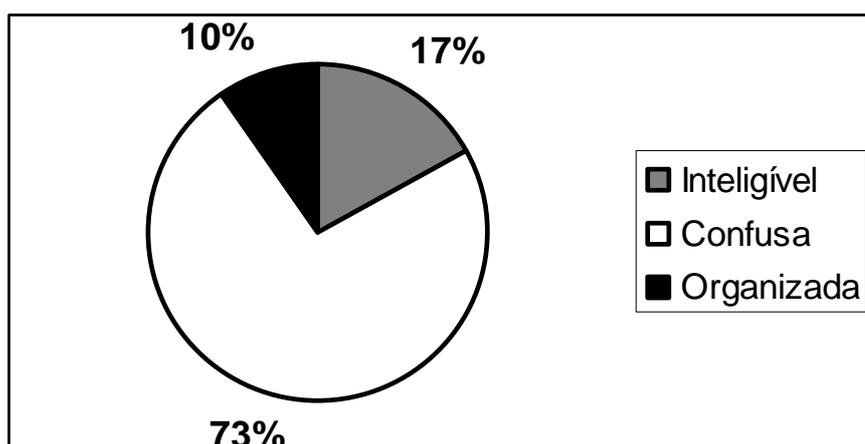


FIGURA 13 Consideração sobre a forma de escrita de Ana Cristina pela amostra entrevistada
Fonte: Resultados dos dados coletados pela autora

Na literatura existe, pois, um ‘não-dito’ pertencente à própria materialidade do texto. É um querer dizer que, na verdade mesmo sem querer dizer, está nas entrelinhas e pertence ao próprio texto e não se remete a algo externo.

Segundo Barthes (1981, p.202),

escrever cartas é mais misterioso do que se pensa. Na prática da correspondência pessoal, supostamente tudo é muito simples. Não há um narrador fictício, nem lugar para fingimentos literários, nem para o domínio impiedoso das palavras. Diante do papel fino das cartas, seríamos nós mesmos, com toda a possível sinceridade verbal: o eu da carta corresponderia, por princípio ao eu verdadeiro, à espera da

correspondência replica. No entanto, quem se debruçar com mais atenção sobre essa prática perceberá suas tortuosidades. A limpeza da sinceridade nos engana, como engana a superfície tranqüila do eu. É a transparência de um encontro real.

A Figura 14 aponta o resultado dos sentimentos despertados na amostra após a leitura da carta. De acordo com a mesma percebe-se que 68% admitiram sentir compaixão; 15%, sentir raiva e 5%, sentir gratidão.

Ressalta-se ainda que, 10% da amostra confessaram sentir outro tipo de sentimento e 2% não admitiu sentir qualquer tipo de sentimento.

O poeta pode fingir, mistificar; as cartas enquanto texto literário, são a representação de momentos verdadeiros, fortes, marcantes e compreensivos, apesar de poderem se constituir em material literário e ficcional também, em alguns casos. Este apontamento pode ser confirmado no depoimento de algumas entrevistadas:

Eu pude entender que Ana era uma pessoa totalmente carente. Que apesar de ser uma pessoa inteligente, com um domínio muito grande das palavras, faltava nela algum complemento, complemento esse que a sua profissão, os familiares, não completavam. Ela era um pouco frustrada com tudo que aconteceu com ela (M.R. R, sexo feminino, 20-29 anos).

Ana era uma pessoa triste, amargura, carente. Ela sempre se sentia inferior, menos mulher de ficar sozinha. Ana no fundo já sabia que a mais ou menos dias ela iria se entregar e cometer suicídio. Acho que era não queria mais viver, a carência de amigos, família e amores foi tanta que não foi parte suficiente para argumentar tanta solidão. Que ela era uma pessoa sofrida com seus amores, e estava desabafando em sua carta (P.C. A, sexo feminino, 20-29 anos).

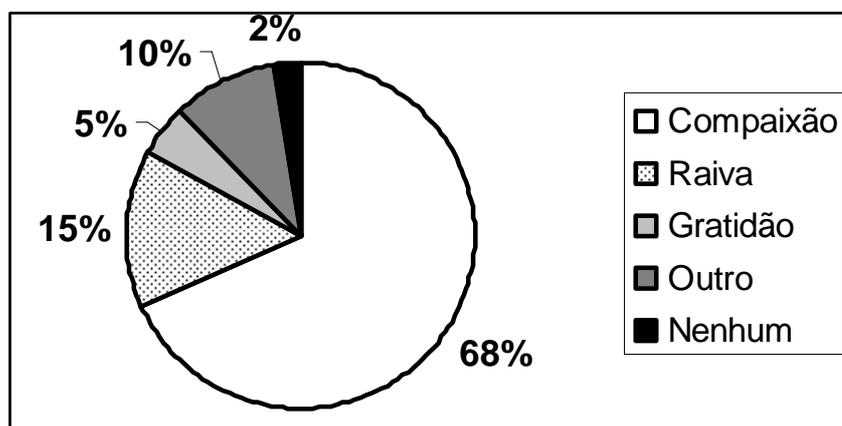


FIGURA 14 Sentimento despertado na amostra pesquisada após a leitura da carta de Ana Cristina
Fonte: Resultados dos dados coletados pela autora

Quem escreve tem a pretensão de ser lido, mas apenas para seu interlocutor. Assim, a linguagem empregada e os assuntos tratados pelo emissor são íntimos e com interesse e grau particular. Como relata a própria Ana Cristina, a carta é o tipo de texto que se dirige a alguém. Escreve-se a carta não pelo prazer do texto, não como um poema que está sendo produzido nem necessariamente como uma produção estética; escreve-se uma carta para mobilizar alguém.

Duas foram as questões subjetivas destinadas à amostra entrevistada. Essas duas questões, amarradas, procuraram estabelecer relação sobre a técnica terapêutica através da leitura, ou seja, procurou identificar se, a carta de Ana Cristina César, causou impacto terapêutico sobre a amostra pesquisada.

A primeira procurou identificar a compreensão da carta lida por parte da amostra, indagando, assim, sobre seu conteúdo. Algumas respostas foram selecionadas, mas seus produtores foram identificados segundo suas iniciais, sexo e faixa etária.

Na carta não existe o real falsificado em forma de poesia, não existe o 'eu poético' se expressando, e sim a manifestação da essência de um coração aberto e desprotegido. Ao se confessar percebe-se que suas correspondências constituem-se em verdadeira riqueza literária.

Eu, C., consegui absorver da carta lida de Ana Cristina César, que esta é uma mulher carente, pois citar sentimentos de solidão, condenação e cobrar, pelo que se apresenta muito carinho das pessoas envolvidas na sua vida; egocêntrica, porque não queria saber o verdadeiro motivo do repentino desinteresse do Adrian, por se achar humilhada, por ser desprezada; é uma mulher que não conseguiu encontrar seu amor próprio, citando sempre dor e depressão, e relacionamento com seus prazeres como se tivesse sido 'usada' e 'descartada'. Esta carta contém sentimentos obsessivos e frustrações de uma mulher que deseja muito carinho e atenção (C.F. M, sexo feminino, 20-29 anos).

Ana é uma mulher totalmente insegura e possessiva, que mesmo tendo a família e os amigos ao seu lado é carente e se sente sozinha. Dependente ao extremo dos outros, com ênfase para o sexo oposto onde procura um companheiro a fim de dividir suas emoções e sua vida (M.C. A, sexo feminino, 30-39 anos).

Entendi que Ana era uma pessoa carente na área afetiva, e que estava passando por um momento conturbado de desilusão com o atual namorado. Que não estava aceitando o fato de uma separação, não estava

conformada, em terminar um relacionamento, mesmo sentindo a indiferença por parte de seu parceiro (J.L. R, sexo masculino, 30-39 anos).

Ana, era uma pessoa sofrida, por se entregar demais para as pessoas e assim, fantasiava sentimentos sentidos pela outra pessoa e se contentava com poucos gestos, ela sentia medo de ficar sozinha e sendo assim se sentia inferior as outras mulheres, se sentia tão sozinha que se lamentava pelo seus relacionamentos passados e vangloria o dia suas amigas. Fanática por fotos, porque fotos nos enchem de lembranças e assim não tinha tempo de se sentir sozinha (A.V. B, sexo feminino, 30-39 anos).

Ao criar, a poeta coloca em ação sua habilidade crítica, avalia seus procedimentos, estabelece parâmetros, faz comparações, aciona seu conhecimento histórico, literário. Esse exercício crítico era consciente para Ana Cristina, Há tanto quem acredite que os textos de Ana Cristina não passam de fluxo natural do inconsciente – à maneira surrealista – quanto quem a leia como uma poeta simbolista, procurando significados ocultos, estrategicamente codificados por trás das palavras.

Um pouco confusa, uma pessoa um tanto complicada, que com certeza tem alguma neurose, e que precisa de ajuda. Provavelmente de uma grande carência amorosa. Mesmo que encontrava alguém que a amasse, não ficaria satisfeita, feliz. Sempre iria estar faltando alguma coisa (J.A. P, sexo feminino, 20-29 anos).

Que Ana Cristina é uma pessoa confusa, melancólica e que não sabe expressar seus sentimentos, e está sempre se sentindo rejeitada pelas pessoas que estão a sua volta. No fundo a percebo como uma pessoa egoísta (T.N, sexo feminino, 20-29 anos).

O texto como a fabricação de um real: eis o que era o poema, e, mais amplamente, a literatura, para Ana Cristina. Por trás de tudo o que se pode ler em seus textos teóricos, e também em suas cartas, encontra-se este preceito básico: o texto literário é sempre, enfaticamente, construção, e construção de realidade. Ou seja, ele não é representação de uma realidade outra – seja ela do exterior, do mundo, das coisas, ou mesmo do interior daquele que o escreveu – mas constitui em si uma realidade. Não há modelo e cópia, não há representação de um ideal, mas apresentação de um real inédito, um universo próprio e autônomo do texto.

Eu entendo que Ana no início da carta começa falando do seu relacionamento em crise uma neurose de casal associando uma patologia, depois nos mostra sentimentos de perdas, na separação; e humilhação; auto-condenação, nota-se também uma insegurança sexual a ser estudada e tratada a área sexual. Também a carta nos dá uma clara idéia de predisposição a um ato de surpresa e uma identidade bem egocêntrica e de muitas fantasias (P.R. F, sexo masculino, 40-49 anos).

A segunda questão procurou identificar, a partir da carta lida, quais contribuições pessoais puderam ser absorvidas pela amostra. Também, algumas respostas foram selecionadas, mas seus produtores foram identificados segundo suas iniciais, sexo e faixa etária.

De acordo com os registros literários, quando as pessoas lêem, elas trazem suas próprias necessidades e problemas para a experiência da leitura, interpretando as palavras do autor de acordo com suas experiências íntimas.

A Biblioterapia possibilita uma interação imaginativa entre o leitor e o texto, o qual pode ser menos ameaçador que uma confrontação direta. Como um auxílio na solução pessoal de problemas e para a adaptação social, a Biblioterapia tem a habilidade de capacitar o sujeito a encontrar vários modos de ajustamento.

“O texto escolhido para leitura serve para como trampolim para discussão e análise do problema. Como recurso terapêutico, a Biblioterapia resgata a palavra escrita em toda obra que, intencionalmente ou não, destina-se para esse efeito” (PINTOS, 1999, p. 37).

A idéia básica da Biblioterapia como recurso psicoterapêutico se fundamenta na leitura como um processo dinâmico. Consiste em assistir o paciente na superação de seus conflitos psíquicos, seja de ordem emocional, moral, social, pela leitura de um texto sobre uma técnica para interação estruturada entre um facilitador e um participante baseada na mútua partilha da literatura.

Sim, às vezes sufoco um relacionamento com sentimentos inseguros, por ser um pouco carente. Mas compreendo que essas atitudes são destrutivas para mim e para os que me rodeiam (M.C. A, sexo feminino, 30-39 anos).

Segundo Pintos (1999, p. 19),

utilizar um texto escrito não é uma prescrição obrigatória, nem indicada de modo específico para algum quadro clínico concreto. A sua aplicação

dependerá do caso particular do paciente, do seu perfil de personalidade e interesses, das suas circunstâncias concretas.

O autor ressalta que o valor do livro está na possibilidade de uma história refletir de maneira pessoal um valor ou uma atitude diante de uma situação concreta de vida. Há o que pode se chamar de solidariedade entre autor e leitor. Esclarece que a literatura pode contribuir para a terapêutica, já que o autor do texto faz revelações que ajudarão o leitor que sofre um estado idêntico a superá-lo.

Muito interessante, pois no decorrer da leitura me vi em várias passagens, em que fui frenética e possessiva com parceiros, em que as relações também não deram certo, e como de Ana, que me demonstrou que não estou só com minhas loucuras neste mundo (J.A. P, sexo feminino, 20-29 anos).

Ainda, segundo Pintos (1999), a leitura de um texto aproxima o paciente de uma experiência de sentido que estimula e promove um jogo interpretativo, levando o paciente-leitor a criar novas proposições de mundo. O texto escrito favorece no leitor respostas próprias ao apresentar situações de vida resolvidas de forma peculiar. Na leitura de um texto escrito, estabelece-se uma relação de intimidade entre leitor e texto, e a palavra ganha peso e poder de penetração pelo seu efeito catalisador. A leitura instiga o indivíduo a usar sua imaginação e a possibilidade de superação de adversidades; oferece ao leitor a liberdade de imaginar para que ele seja capaz de imaginar a liberdade.

Sim. Algumas vezes ajo desta maneira um pouco egoísta com minhas amizades do tipo querer atenção (J.L. R, sexo masculino, 30-39 anos).

A Biblioterapia é uma técnica que se utiliza do aspecto racional do indivíduo – percepção, inteligência, compreensão, capacidade cognitiva – assim como do emocional para obter mudança de comportamento através do autoconhecimento. Para Ferreira (2003) os objetivos da Biblioterapia são de ordem intelectual, social, emocional e comportamental. A técnica traz pela leitura de textos histórias, experiências de vida, que facilitam o autoconhecimento do paciente-leitor por meio da reflexão e ressaltam valores éticos e morais, favorecem o desenvolvimento emocional e a mudança de comportamento.

Um pouco, pela parte sentimental de querer sempre estar em contato com os amigos e ser um pouco sonhadora (T.N, sexo feminino, 20-29 anos).

Assim, ao proporcionar uma leitura relevante à situação pessoal do sujeito e desenvolver necessidades apropriadas, a Biblioterapia pretende ajudar pessoas de todas as idades a entender a si mesmas e lidar com problemas tais como separação, perdas, sofrimento, rejeição social e imagem corporal, entre outros.

Sim passei pela mesma situação, me identifiquei com a situação e com o sentimento. Faz um ano, mas hoje me sinto renascer das cinzas, mesmo querendo resgatar o passado (A.V. B, sexo feminino, 30-39 anos).

Hoje não, não me identifiquei em nada. Mas um dia, assim como Ana Cristina, também fui uma mulher que amava demais (C.F. M, sexo feminino, 20-29 anos).

Não me acrescenta muita coisa, mas me faz perceber que todo mundo passa por desilusões amorosas, e que o importante neste momento é pensar e fazer outras coisas para evitar sofrimento maior (P.R. F, sexo masculino, 40-49 anos).

Assim, de acordo com os resultados das entrevistas realizadas a intervenção biblioterapêutica cumpre seus objetivos: desenvolveu o conceito de identidade por parte do paciente; aumentou o seu entendimento sobre o comportamento humano e suas motivações; incentivou uma apreciação da sua pessoa; proveu um modo para encontrar interesses fora de si mesmo; liberou pressão emocional ou mental; mostrou que o paciente não é a primeira ou única pessoa com tal problema e que há mais de uma solução para um conflito; ajudou o paciente a discutir mais abertamente o problema e a planejar um curso construtivo de ação para solucionar o seus infortúnios.

7 CONCLUSÃO

Diante de todo o trabalho de pesquisa realizado, e segundo os objetivos propostos, estabelecem-se, aqui, as considerações finais.

O objetivo geral foi através de um estudo bibliográfico, fazer uma revisão acerca da biblioterapia, procurando responder à hipótese de que a terapia através da leitura não possui apenas o sentido curativo, implicando também uma atitude preventiva.

Considerar a Biblioterapia não como uma técnica psicoterapêutica, mas como um processo, uma seqüência de eventos que se comunicam entre si, ou, dizendo de outra forma, textos que interagem e dialogam dentro de um grande texto, traz uma outra visão da técnica. Como um texto único, dinâmico e aberto, o processo biblioterapêutico se constitui como acontecimento discursivo e narrativo e permite, assim, compreensão mais ampla de como os sujeitos – leitor e texto – dialogam entre si.

A análise do texto biblioterapêutico revela a sua essência dialógica: diálogo entre sujeitos, entre enunciados, entre vozes, entre textos e contextos. Diálogo fundamentado na palavra e nos muitos sentidos que ela carrega, colocando os interlocutores numa relação valorativa e de alteridade. O leitor entra em contato com texto-objeto mudo e dialoga com sua consciência.

Assim, conclui-se que a Biblioterapia não é vista somente como uma simples abordagem para tratamento psicológico, mas antes como um complemento a outras terapias, assumindo também caráter preventivo.

O objetivo específico foi através de uma pesquisa de campo, analisar o poder biblioterápico através das cartas de Ana Cristina César, procurando responder à hipótese de que as cartas pessoais podem de fato contribuir para a função terapêutica.

O fato é que, tanto pela sua história pessoal, quanto pelo seu modo de escrita, Ana Cristina oferece oportunidade para quem busca na literatura um espelho da intimidade do autor e do leitor. A mesma expressou várias vezes que em seus textos, em forma de cartas, instigava até no limite a curiosidade de seu leitor em enxergar seus segredos íntimos que eram a tradução de sua alma. Esta sua colocação foi facilmente percebida nas entrevistas

realizadas, quando os entrevistados descreveram o que enxergaram sobre a alma autora, nas entrelinhas de sua carta.

Assim, a carta de Ana Cristina deve ser vista como um ser com vida própria, autônoma, que visa a interferir sensorialmente no mundo, nas pessoas, nos corpos, como qualquer outro objeto real. O corpo da carta surge explicitamente como provocador de sensações, de efeitos sensíveis no corpo de quem lê.

A carta cria esse real que é feito de palavras, uma realidade própria à linguagem que ressoa na realidade das pessoas. A impressão de que há segredos escondidos nas entrelinhas, símbolos a serem decifrados, silêncios que suspendem o entendimento e aguçam a curiosidade, provocam no leitor uma reflexão em busca da compreensão do que ela está querendo dizer o que vem aprovar o poder terapêutico de suas cartas.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAKER, KUMAR, DAY. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas, 2001.

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 1/2, jan./jun. 1982. p. 54-61.

ARISTÓTELES. **Poética**. Porto Alegre: Globo, 1966.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BUENO, Wilson. **As cartas-poemas de Ana C** (2002) Documento eletrônico disponível em <<http://www.anexo.com.br>> Acesso Jul. 2006.

CALDIN, C.F. **A leitura como função terapêutica: a biblioterapia** (2001). Documento eletrônico disponível em <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_12/caldin.html> Acesso Set. 2005.

CAMPOMAR, M. Do uso de estudo de caso em pesquisas para dissertações e teses em administração. **Revista de Administração**. São Paulo v. 26, n.3, p.95-7, jul./set., 1991.

ELIOT, T. S. **Ensaio de doutrina crítica**. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.

ESTADO DE SÃO PAULO (1999). Documento eletrônico disponível em <http://www.aeroplanoeditora.com.br/sala_ana_cristina.html> Acesso Jun. 2006.

FERREIRA, D. T. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.4, n.2, p.35-47, jun. 2003.

FONTANARI, Juliano L. Aspectos lingüísticos da produção e compreensão na afasia. **Revista Brasileira de Neurologia**. Rio de Janeiro, v.27, n.1, jan./fev. 1991, p.23-29.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e suas relações com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Maria Quitéria de Oliveira. **A importância da leitura e o seu contexto na biblioterapia**. Salvador: UFBA, 2001.

GOODMAN, Kenneth S. Unidade na literatura: um modelo psicolinguístico transacional. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v.26, n.4, dez. 1991, p.8-43.

HASSE, Margareth. **Biblioterapia como texto**: análise interpretativa do processo biblioterapêutico (2004). Documento eletrônico disponível em <<http://www.utp.br/proppe/edcient/BibliotecaVirtual/MCL/MargarethHasse/.pdf>> Acesso Dez. 2005.

HOLLANDA, H.B. e FREITAS FILHO, A. **Ana Cristina César – Correspondência Incompleta**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Ed. 34, 1999.

ITAÚ CULTURAL (2001) Documento eletrônico disponível em <http://www.itaucultural.org.br/apl_cfm?fuseaction=detalhe&cd_verbete=388> Acesso Jul. 2006.

JUNQUEIRA, Ivan. **O globo** (1979). Documento eletrônico disponível em <http://www.itaucultural.org.br/apl_cfm?fuseaction=detalhe&cd_verbete=388> Acesso Abr. 2006.

LAJOLO, Marisa. **Leitura em crise na escola**: alternativas do professor. São Paulo: Mercado Aberto, 1986.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**: quarenta anos de correspondência entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo: Brasiliense, 1968.

MACHADO, Carlos. **Ana Cristina César** (2000) Documento eletrônico disponível em <<http://www.avepalavra.kit.net/poesia2/poesianet122.htm>> Acesso Out. 2005.

MALUFE, A. C. **Ana C., a crítica por trás da poesia** (2001). Documento eletrônico disponível em <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/.php/letras/article/viewFile/2903/23>> Acesso Jun. 2005.

MARCINKO, Stephanie. *Bibliotherapy: practical applications with disabled individuals*. *Current studies in Librarianship*, v.13, n.1/2, Spring/Fall 1989, p.1-5.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MARIA, Luzia de. **Constituição do leitor**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1994.

MATTOS, C.R.de e QUEIROZ, M.P.C.P. de. **Uma experiência de biblioterapia com os idosos do abrigo de Salvador** (2000). Documento eletrônico disponível em <<http://biblioteca.estacio.br/artigos/009.htm>> Acesso Mai. 2005.

MICHAELIS: **Pequeno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Visão** (1985). Documento eletrônico disponível em <http://www.itaucultural.org.br/apl.cfm?fuseaction=detalhe&cd_verbete=388> Acesso Abr. 2006.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas**. João Pessoa: Universitária, 1996.

PERISEÉ, Gabriel. **Ler, pensar e escrever** (2004). Documento eletrônico disponível em <<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=107&rv=Colunistas>> Acesso Jun. 2005.

PINTOS, C. G. A **Logoterapia em contos: o livro como recurso psicoterapêutico**. São Paulo: Paulus, 1999.

PIRES, Paulo Roberto. **Ficção íntima: metamorfose permanente de uma fingidora** (1999) Documento eletrônico disponível em <<http://www.pacc.ufrj.br/literaria/ficcao.html>> Acesso Jan. 2006.

QUAKNIN, M. **Biblioterapia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

QUEIROZ, Vera. **Paixão e morte em Ana Cristina César** (2002) Documento eletrônico disponível em <<http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/paixao35.htm>> Acesso em Jul. 2006

RATON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. **Rev. Escola Biblioteconomia**, UFMG, Belo Horizonte, vol. 4, nº. 2, set./1975, pp. 198-214.

SILVA, Ezequiel T. da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** São Paulo: Cortez, 1981.

TRIVIÑOS, Augusto N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1995.

VASQUEZ, M. do S. A. F. F. **Biblioterapia para idosos: um estudo de caso no lar da Providência “Carneiro da Cunha”, Paraíba: UFP, 1989.**

VICENTE, Jorge. **Biblioterapia** (2000). Documento eletrônico disponível em <<http://form.ccems.pt/drama/bibliotecas.htm>> Acesso Out. 2005.

WIKIPÉDIA (2006). Documento eletrônico disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Cristina_C%C3%A9sar> Acesso Mai. 2006.

YIN, R. **Estudo de caso: Planejamento e Métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXO 1 – ENTREVISTA

AS CARTAS DE ANA CRISTINA CESAR: uma contribuição para a Biblioterapia

IDENTIFICAÇÃO

Sexo

<input type="checkbox"/>	Feminino	<input type="checkbox"/>	Masculino
--------------------------	----------	--------------------------	-----------

Idade

<input type="checkbox"/>	15 a 19 anos
<input type="checkbox"/>	20 a 29 anos
<input type="checkbox"/>	30 a 39 anos
<input type="checkbox"/>	40 a 49 anos
<input type="checkbox"/>	50 ou mais anos

PRIMEIRA PARTE

1 Quando se fala em ‘Literatura’ qual dos gêneros você estabelece relação?

<input type="checkbox"/>	Romance	<input type="checkbox"/>	Humor	<input type="checkbox"/>	Filosófico
<input type="checkbox"/>	Auto-ajuda	<input type="checkbox"/>	Policial	<input type="checkbox"/>	Científico
<input type="checkbox"/>	Aventura	<input type="checkbox"/>	Ficção	<input type="checkbox"/>	Cartas
<input type="checkbox"/>	Horror	<input type="checkbox"/>	Religioso	<input type="checkbox"/>	Nenhum/Outros

2 Por que você estabelece relação com este gênero?

<input type="checkbox"/>	Gosto pessoal	<input type="checkbox"/>	Interesse profissional
<input type="checkbox"/>	Interesse educacional	<input type="checkbox"/>	Interesse terapêutico
<input type="checkbox"/>	Entretenimento	<input type="checkbox"/>	Indicação (amigos, professores)
<input type="checkbox"/>	Qualidade de leitura	<input type="checkbox"/>	Preço e facilidade de acesso

3 Em média, quantos livros por trimestre (3 meses) você costuma ler?

<input type="checkbox"/>	1 Livro
--------------------------	---------

	2 Livros
	3 Livros
	4 ou mais Livros
	Nenhum

4 Qual o grau de importância que leitura tem pra você?

	Sem importância
	Pouco importante
	Muito importante
	Imprescindível

5 Diante de uma situação de instabilidade econômica você:

	Deixa de ler
	Não muda em nada seu hábito de leitura
	Lê livros mais baratos
	Pede livros emprestados
	Vai à biblioteca pública
	Faz leituras pela <i>internet</i>

6 Quanto aos gêneros de leitura quais você mais lê?

	Romance		Humor		Filosófico
	Auto-ajuda		Policial		Científico
	Aventura		Ficção		Cartas
	Horror		Religioso		Nenhum/Outros

7 Quanto aos gêneros de leitura existe algum que você não goste de ler?

	Romance		Humor		Filosófico
	Auto-ajuda		Policial		Científico
	Aventura		Ficção		Cartas
	Horror		Religioso		Nenhum/Outros

SEGUNDA PARTE

27 de Fevereiro de 1976

Eu disse para Heidrun há pouco, pelo telefone: vou ter que reescrever as cartas que escrevi para Cecília. Manda assim mesmo, ela disse. Roteiro de uma ilusão? Ao mesmo tempo ela aconselhou meio brincando: não vai estragar o barato da Cecília com a tua fossa. E logo depois, no mesmo tom: ai, o meu carnaval se estragou com essas notícias! Fiquei sem saber se `e jeito dela ou brincadeira ou coisa seria essa manipulação das culpas.

Me descobro detalhista. Acho que `e essa uma das razoes por que estou fascinada pelo livro da Doris Lessing. Passo o dia narrando o próprio dia. A leitura me aguça os sentidos. Queria que você lesse um texto que eu fiz para você, “Arpejos”. Vai sair na antologia (já esta na gráfica; Juan me mostrou a capa ontem, boa). Te mando pelo correio (há uma mala diplomática, alguma ligação segura e direta com a Embaixada?), já que você não vem mais em maio.(Espaço para exclamações, saudades.)

`E meu joguinho idiota com suspense. Você disse na carta que sentia que o Adrian e eu estávamos passando por uma “crise”. O marco seria a 2 ida a Búzios. Eu interpretei, atribui a dificuldades provisórias e naturais, a grilos mútuos, aos altos e baixos de toda relação. Mas por trás disso eu estava a fim de continuar, mudar, mexer. Não havia em absoluto um “clima de neurose de casal”, mas barreiras a transpor. E eu queria, estava investindo na relação. (Acontece que o distanciamento dele prosseguia: extremamente sutil por trás de um jeito carinhoso_ pequenas coisas que você só sacode antena, só sente epidermicamente_ ate o jeito de gozar de quem não esta envolvido e diferente) _ a sexualidade fica “discreta”, pouco empenhada, *Just enough to satisfy*_ e mil outros índices sutilíssimo de desinteresse. Eu não queria acreditar, e cada vez que a gente saia ou que ele me fazia carinho ou que me olhava eu acreditava correndo.

Mas ontem ficou claro. Fui dormir com ele depois do filme chatíssimo *The Day of the Locust*, ultimo sucesso daqui. E ai com muita dor eu falei do que eu estava sentindo, do “discreto desinteresse” ou do interesse curto dele. Ele simplesmente, calmamente, confirmou no seu portunhol: `E, Ana, eu gosto de você, mas não estou enamorado de você. Não vê futuro na relação. Não esta a fim de um compromisso (não soa batida esta historia?). Não perguntei mais porque de repente eu estava sofrendo. Sentia que se aprofundasse o papo a resposta ultima seria que ele tinha se decepcionado comigo, que a minha era outra, que eu era uma merda... Tentei controlar os sentimentos persecutórios. Mas ele nem ao menos atribuiu o desinteresse, o pouco empenho dele a grilos, a uma fase. `E simples: ele não esta a fim de mergulhar numa relação comigo. Minha ultima pergunta antes de dormir (não tive forcas para ir embora no ato): se eu entendi bem, eu estou jogando muito mais do que você nesta relação. Resposta afirmativa. (Hoje constato que mais que sentimento de perda (para ele não mudou nada, acho que ele nem pensa em separação) estou humilhada (palavra da Heidrun, e `e exatamente). Sentimentos femininos de reação ao *detachment* masculino (trepar sem se envolver cada vez mais; as trepadas para mim eram construção de alguma coisa, crescimento, envolvimento crescente, e não uma “simples” transa). Sentimentos de *self pity*,” sou uma condenada”. Sentimento puto de

solidão (todos os amigos fora ou de partida). Não me atirei a depressão ainda (sei que dor não é sinônimo de depressão; talvez eu tenha crescido). Mas por outra me sinto desanimar: pra que sair de casa, lutar, viajar? Há complicados laços de dependência que nos ligam a um homem: medo de ficar sozinha, de sobrar sempre no meio de casais, de se sentir menos mulher, inferior (leia a Doris Lessing). Esses sentimentos todos, alguns justos, alguns produtos de fantasias de perseguição, me ajudam por enquanto a não sentir violentamente a perda dele o que pode sobrevir a qualquer momento). Eu estava gostando muito do Adrian. E a distinção “*to like*” x “*to be in love*” não fazia muito sentido pra mim. Pra mim, o importante é você optar, se lançar, e não ter a priori um sentimento x ou y. Talvez ele tenha querido dizer exatamente isso: ele não optou. Como deixar de me sentir uma merda (uma vez que não está dando para atribuir a rejeição a grilos dele, como no caso do Lui – o Lui não me rejeitou, simplesmente estava confuso e neurótico demais para transar com uma mulher)?

Vou passar o carnaval com a minha família e outras protestantes (saco!) onde nem ao menos posso sofrer em paz sem ser assediado. Não pintou outra opção em cima da hora. Não quero ir pra Búzios, terra de Adrian. Adrian segue pra Buenos Aires amanhã. Tenho raiva. Ainda não acredito. O pior é que esta história toda soa tão ridiculamente banal, parece fotonovela (sem *o happy – end*). Chego a desconfiar. Tem uma interpretação pulsando desejosa: o Adrian está e com medo de se envolver comigo, de ter que criar laços e deixar de cultivar a imagem da chilena com quem viveu 7 anos e com quem ele nunca quis romper realmente (ela é que quis) “a mulher que eu realmente amo, amei”, ele disse sem saber *that was hurting me*. Compreendo perfeitamente a situação das namoradas do cacaso, sempre assombradas pelo fantasma de Leilah.

PORRA! Cecília! Eu precisava transar o seguinte: o importante agora é conseguir a independência, sair da família, arrumar trabalho & me envolver num projeto, estudar. A minha autonomia como mulher é fundamental, eu não posso por tudo a serviço de uma relação com um homem. Fiz fantasias de conciliar os dois. Mas se não dá, eu não posso desanimar.

E os presentes todos que o Adrian me deu?

Tem um progresso nessa história toda: primeiro antes eu não conseguia querer transar com um homem, sufocava de fantasias, medos, desejos de me refugiar na Grande Mãe; Agora eu já quero; segundo, Adrian é minha primeira relação não neurótica – uma outra história muito diferente do que com Lui, João... Puta que pariu, menos que 3 meses.

Querida, se eu não parar continuo a tarde inteira nesse tom. Só falta o Adrian começar a transar com outra (que banalidade). Estou sofrendo.

Me escreve. Eu ia insistir pela terceira vez por retratos. Sou uma obsessiva, me disse a Clara no dia do teu embarque no chão vazio da casa, serragem nos cabelos.

Já soube que você esta transando na universidade: Como esta? Ligue para Candide? Você esta ficando a *perfect housewife*? Não esqueça o feminismo (o não babaca)! Muitos beijos, Ana.

8 A partir da leitura da Carta de Ana Cristina César, você considerou a forma de escrita da autora como:

<input type="checkbox"/>	Inteligível
<input type="checkbox"/>	Confusa
<input type="checkbox"/>	Organizada
<input type="checkbox"/>	Poética

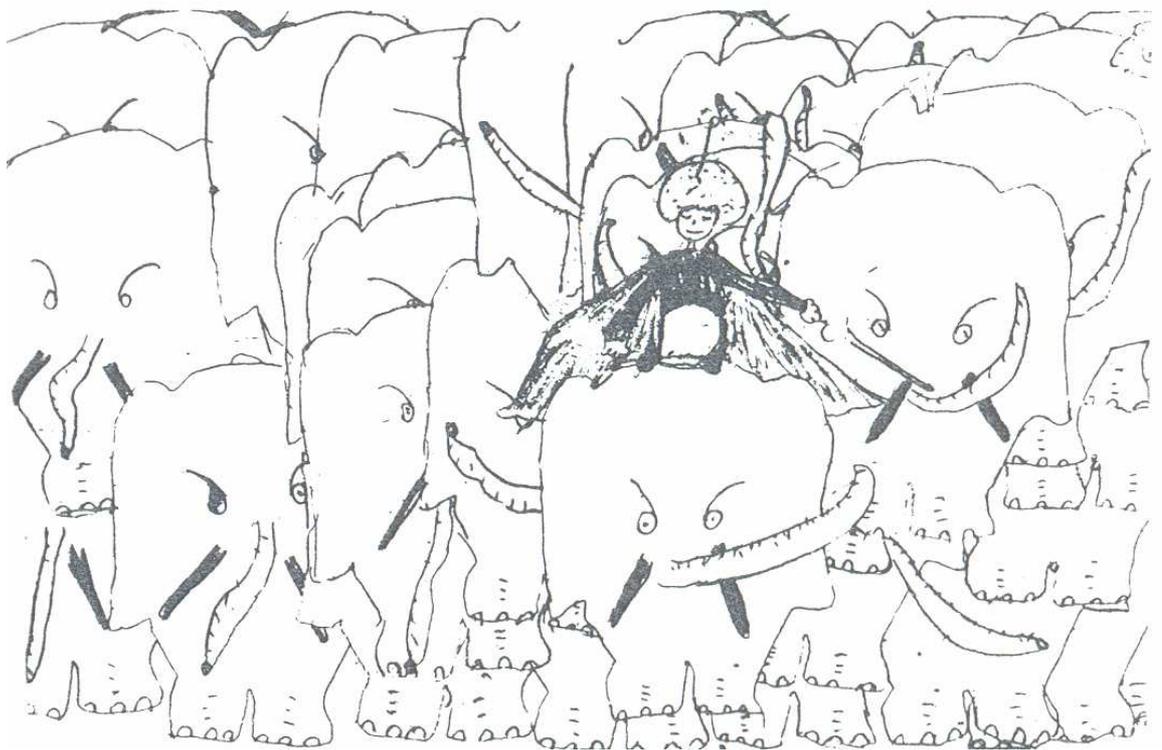
9 Que sentimentos despertou em você a leitura da carta?

<input type="checkbox"/>	Compaixão
<input type="checkbox"/>	Raiva
<input type="checkbox"/>	Gratidão
<input type="checkbox"/>	Outro sentimento
<input type="checkbox"/>	Nenhum sentimento

10 Sobre o conteúdo da carta, o que você pode entender?

11 A partir da leitura da carta foi possível identificar alguma contribuição para sua vida?

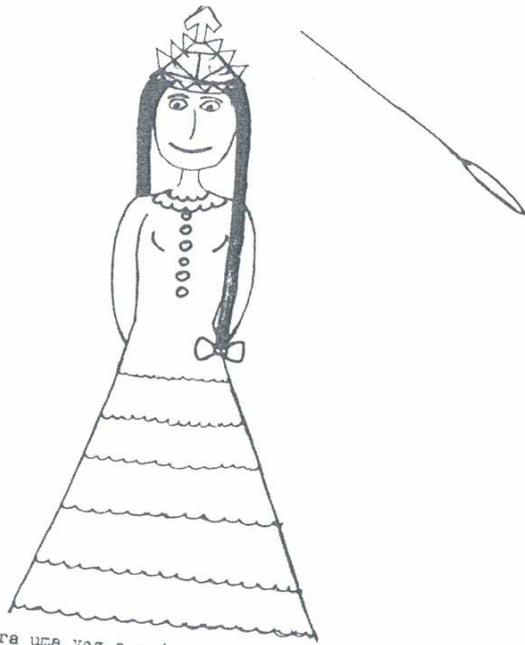
ANEXO 2 – HISTÓRIA DESENHADA POR ANA CRISTINA CÉSAR





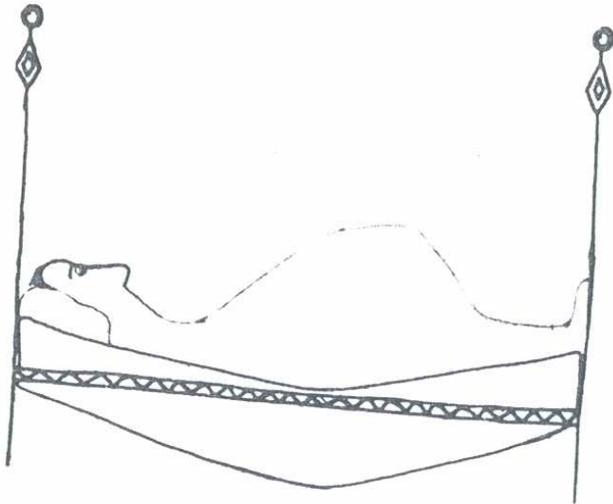
**ERA UMA VEZ O CONDE
DEL MAR QUE TINHA UM REI
NA BARRIGA.**

Era uma vez o conde Del Mar
que tinha o rei na barriga.



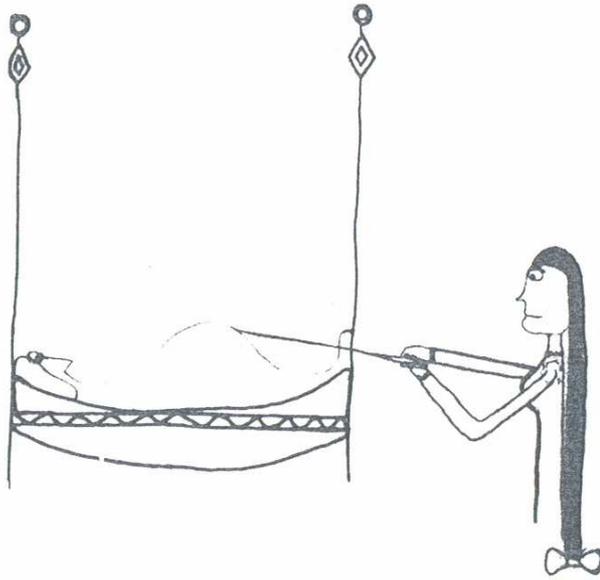
**ERA UMA VEZ A
PRINCESA ANABELA QUE
RESOLVEU FURAR A BARRIGA
DO CONDE.**

Era uma vez a princesa Anabela
que resolveu furar a barriga do conde.



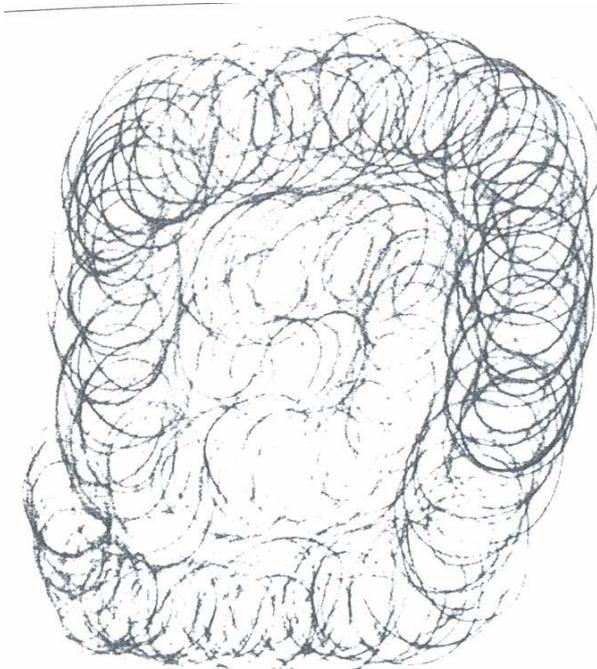
**ANABELA PEGOU
UM ALFINETE DE FRALDA
DE NENÊ E QUANDO O
CONDE DORMIA,**

Anabela pegou um grande alfinete
de fralda de nenê
E quando o conde dormia,



**ELA FOI DE
MANSINHO, ABAIXOU A
PONTE LEVADIÇA E
ESPETOU O ALFINETE NA
BARRIGA DO CONDE.**

Ela foi de mansinho, abaixou a ponte levadiça
E espetou o alfinete na barriga do conde.



**OUVIU-SE UM
GRANDE ESTRONDO,
PUM! E UMA FUMAÇA
PRETA COMO CARVÃO,**

Ouviu-se um grande estrondo: cata, pum!
E uma fumaça preta como carvão

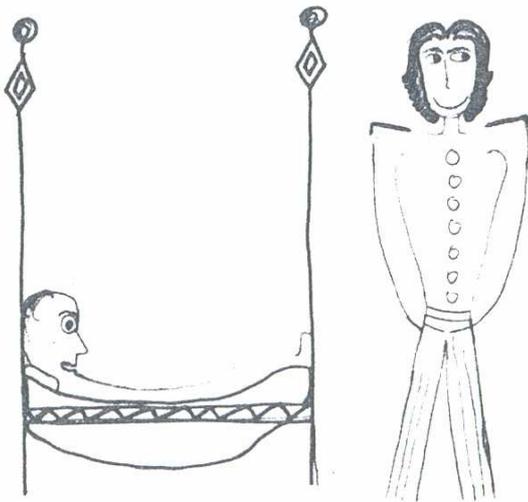


**ENVOLVEU O
APOSENTO DO REI DEL
MAR.**

**E - OH! - O QUE
ACONTECEU?**

Envolveu o aposento do Del Mar.

E -oh!.- o que aconteceu?

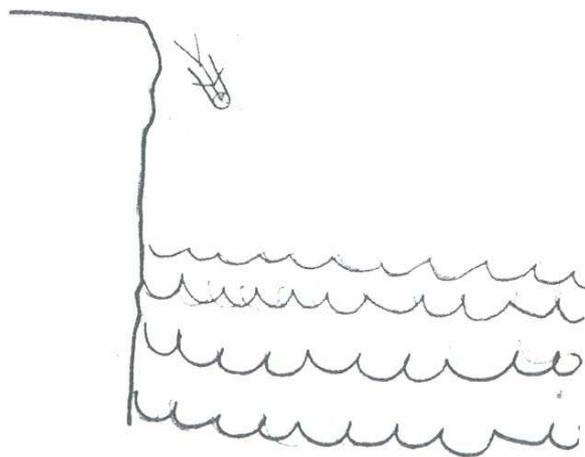


**LINDO REI
APARECEU E O CONDE
FICOU MAGRO!**

**E ANABELA QUIS
LOGO CASAR COM O
REI...**

Lindo rei apareceu e o conde ficou magro!

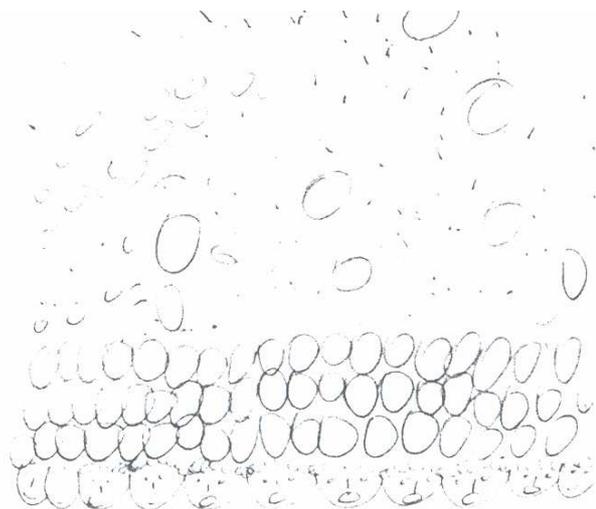
E Anabela quis logo casar com o rei...



E no dia do casamento? Ó céus!, ó mares!
A princesa sai correndo e se atira no mar!

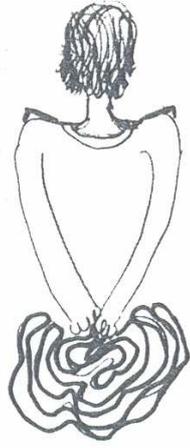
**E NO DIA DO
CASAMENTO? Ó CÉUS! Ó
MARES!**

**A PRINCESA SAIU
CORRENDO E SE ATIROU
NO MAR!**



Por que? Por que? perguntam todos:
Era porque as tripas do conde estavam

**POR QUE? POR QUE?
PERGUNTAM TODOS. ERA
PORQUE AS TRIPAS DO
CONDE ESTAVAM**



NA MÃO DO REI!

NA MÃO DO REI!